Dave McKean
em entrevista exclusiva

LYNX
à protecção animal

José Carlos Fernandes
Agonia Sampaio
banda desenhada

THE SKY'S GONE OUT

e 6·250$00

Desde a aplicada dona de casa até ao corrector da bolsa, passando pelos dentistas (brasileiros e tudo) e agricultores, ninguém anda a leste da BD em Portugal. A razão é tão simples que até estorva: não há nada na BD em Portugal que nos permita andar a leste.

Tínhamos duas revistas em publicação, agora temos zero. Os fanzines nunca andaram tão irregulares, e para contrariar isso um pouco, o epitáfio tentará passar a trimestral, e começará a aceitar (e a agradecer) assinaturas. Apesar da exorbitância do preço dos correios em Portugal, vamos tentar incrementar os contactos e possíveis colaborações com outros fanzines ou publicações amadoras nacionais e estrangeiras. Quanto ao próximo número, esperamos manter, e se possível melhorar a qualidade de impressão, além de aumentar o número de páginas (para 40, pelo menos). Tudo isso vai depender da aceitação e vendas deste número 6, pois, não nos acreditamos que uma publicação deste género consiga sobreviver eternamente baseada na carolice dos seus editores e numa ou noutra boa vontade alheia.

As edições em álbum são uma piada, exceptuando as da ASA, embora muito do que a ASA edita seja para um público no qual não nos incluímos. As edições brasileiras estão a dar as últimas (ou ainda não repararam?), e entre confusões de quem distribui o quê, lá vai saindo uma coisa ou outra. *Marshall Law*, saiu com uma regularidade que podemos considerar irregular nas edições brasileiras. *Blood* acabou por sair encadernado, e agora sai *Nightbreed*, uma adaptação do filme homónimo de Clive Barker (fossem ao Fantasporto do ano passado) até ao número quatro. Depois desse número, supõe-se que seja uma espécie de continuação, embora a edição esteja anunciada como uma mini-série de doze números. Facto um pouco estranho se considerarmos que nos EUA a edição há muito ultrapassou o número 12.

E depois, há sempre o problema da BD portuguesa (que BD ?). Autores há com um valor indiscutível que estão reduzidos a fazer da BD um hobby e a publicar num ou noutro fanzine.

Se o valor em termos de desenho é indiscutível, o mesmo não diria em termos de argumento, assunto que acho muito discutível. Quantos autores há neste país, capazes de estruturarem uma história de 48 páginas? A disparidade entre a arte e as letras, é enorme. Grande parte das histórias são ridículas e não há desenho que as salve, fazem lembrar os programas de TV de produção nacional. Não é pura coincidência, a razão é a mesma: não há em Portugal uma tradição de escrita para o audiovisual. Um autor de BD tem que ser um contador de histórias, senão é pura palinódia e na melhor das hipóteses extravagância gráfica.

Para quem não souber contar histórias mas souber desenhar, há muitas alternativas, podem pedir a um conhecido que escreva, pegar num livro e adaptar uma parte ou apenas idéias, pegar em contos curtos (de revistas por exemplo) e adaptar, etc. As hipóteses são muitas, e todas melhores que as coisas ridículas que por aí se vêem.

Pergunta: neste momento, são os jovens autores portugueses publicáveis em álbum ou podem sustentar com a sua produção uma revista? Resposta: provavelmente não. Apenas o serão quando souberem contar histórias, que vendam, e que preencham o nosso imaginário. E podem ser histórias tão simples como as de Prado, Cabanes ou Gilberto Hernandez. Podem ser histórias verdadeiramente simples.

epitáfio

epitáfio No.6, Setembro 1992

José Carlos Fernandes
desenho da capa

Nuno A. N. Correia, José Rui Fernandes
editores

José Rui Fernandes
design

Susana Paiva
design adicional

Pedro Cleto, Marco Dias
colaboraram nos textos

Pedro Castro, Rui Duarte, José Carlos Fernandes, Lagartija Nick, Miguelanxo Prado, Agonia Sampaio
colaboraram nos desenhos

epitáfio
apartado 122 - senhora da hora
4450 matosinhos - portugal

o epitáfio está disponível por assinatura de 4 números, 1000$00 portugal, 1600$00 europe, 2000$00 outside europe

Qual a diferença entre um optimista e um pessimista?
um optimista não conhece todos os factos!

Arnoln (Idiota) Schwarznegger
o dinheiro não traz felicidade. eu era tão feliz com $48 milhões como sou com $50 milhões

Associação Neuromanso
publica o epitáfio

Agradecemos
ao instituto da juventude, a todos quantos nos têm apoiado e a absolutamente mais ninguém

© 1992 Associação Neuromanso
tudo o que é publicado no epitáfio é da responsabilidade dos seus autores. nenhuma responsabilidade pode ser aceite pela associação neuromanso ou pelos seus sócios

PARA O "EPITÁFIO", OS MEUS MELHORES DESEJOS PARA O SEU FUTURO.

Jaime e Gilberto Hernandez

Love & Rockets, 1982-1992

Há dez anos atrás, a Fantagraphics publicava um comic despretencioso de dois irmãos amero-mexicanos de Oxnard (California), chamava-se Love & Rockets.

Passados dez anos, sai a terceira edição de Love & Rockets #1, que inclui nas suas 64 páginas, Gilbert Hernandez com a graphic novel de 40 páginas "Bem" (com a primeira aparição de Luba), as duas primeiras histórias com Maggie e Hopey de Jaime e ainda outra história de Jaime chamada "How to Kill A... by Isabel Ruebens", que apenas seria concluida passados oito anos em "Flies on the Ceiling". Segundo a Fantagraphics, esta é meramente a primeira de uma série de reedições e outros projectos que durarão todo este anos comemorativo dos dez anos de Los Bros. [JRF]

Dargaud

Merece alguma atenção a aposta que a Dargaud está a fazer nos novos autores, reunidos numa colecção de nome genérico (e bem sugestivo) *Génération Dargaud*.

A intenção é lançar novos talentos em séries "tout public", mantendo assim a linha marcadamente juvenil que caracteriza a quase totalidade das obras do actual catálogo Dargaud, mas provando que continua a valer a pena editar BD.

Os cinco títulos até agora editados dão já para fazer um primeiro balanço, positivo, mas com alguns senãos. O maior destes últimos é o inqualificável *Jeepster*, de Picard e Giordano, de recente saída (mal) inspirado no excelente *Akira*, de K. Otomo. A história começa por um confronto entre bandos de rua, passa a uma opereta espacial de contornos mal definidos e promete continuar com uma mistura dos dois géneros. Graficamente é desinteressante, assentando num desenho tosco e pouco evoluído.

Bem melhor foi a estreia da colecção, em Janeiro último, com o magnífico primeiro tomo de *Les Amis de Saltiel - L'Homme Qui N'Aimait Pas Les Arbres*, álbum a solo de Etienne Davodeau, que com um traço rude, extremamente expressivo, cria um ambiente tenso e dramático que culmina com um final inusitado. A história é a de um homem que tenta fugir do seu próprio passado, e de alguém que tenta a todo o custo vingar-se. Um autor a seguir com (muita) atenção.

Vulgar, embora profissional q. b., é *Le Trésor des Chartreux*, obra de apresentação de Double M, dupla de heróis que não se pode suportar e que inevitavelmente acabarão por se apaixonar). É um registo linha clara, uma aventura que passa pela busca de um tesouro de monges, perdido no tempo, e por vinganças causadas por reminescências do tempo da resistência da II Guerra Mundial. Os criadores são Roman e Meynet.

Surpreendente é o termo que melhor se adapta ao primeiro título de *Le Pays Miroir - L'Incendiaire*, de Carré e Michaud. Isto porque começa por ser um registo hiper realista que aos poucos muda para ficção de contornos fantásticos, em que o protagonista, um autor de BD, se transforma em personagem da sua própria obra. O desenho, que melhora página a página, merece nota elevada nas pranchas só esboçadas, por razões que deixo ao leitor adivinhar.

Para o fim, propositadamente, deixei um álbum que é, aparentemente, apenas mais um, mas que surpreende pela sua frescura. Falo de *Monnaie de Singe*, de Malaussena e Colbus. Obra de apresentação de Hector e Omer, dupla de heróis que dá nome à série, vale pelo seu humor, fresco e bem conseguido, pela extrema simpatia que inspira o desenho, numa linha clara a um tempo pura e detalhada, sendo assim muito mais do que um álbum para entreter que uma vista de olhos rápida daria a entender. [PC]

Prémios e Premiantes

Consigo lembrar-me de dois premiantes e seus respectivos prémios: o pomposamente chamado Clube Português de Banda Desenhada com os seus prémios "Mosquito" e "Vinheta", e a Associação Velho Pelicano com os seus prémios "Simão". Eu por mim, gostava de saber porque é que estes senhores andam a premiar o que não existe (e há muitas formas de não existir). É de uma tristeza confrangedora!

Os do CPBD, antes de tudo, deviam compreender que Lisboa não é Portugal e que não é Angoulême e nem Portugal é França no que se refere a Banda Desenhada. No fundo é tudo uma questão de geografia. Por isso, premiar o quê? As nossas excelentes revistas? Ou as nossas excelentes edições em álbum? Ou talvez os nossos excelentes fanzines? Para quê? A julgar pela extrema qualidade de tudo o que é apresentado a concurso (supostamente toda a produção nacional), as votações devem ser renhidíssimas e até são polémicas e teatrais - sendo o *Banda* um dos principais comediantes.

No caso da AVP, a situação consegue ser ainda mais aberrante! É que quem dá os prémios, na prática, não existe. Para mim, a AVP ainda tem que ganhar muitos prémios (com mais prestígio que os seus), para poder ter a veleidade de querer dar prémios aos outros. [JRF]

Kraesten Krum Byskov
Niels Roland
Morten Schmidt
Mik Schack
Flemming Jeppesen
& Torben Knochel

Banda Desenhada na Dinamarca

O recente sucesso de um largo número de novos autores de BD dinamarqueses, em vários países da Europa (onde o nosso ainda só figura na questão dos impostos), está directamente relacionada com uma longa e rica tradição em BD na Dinamarca.

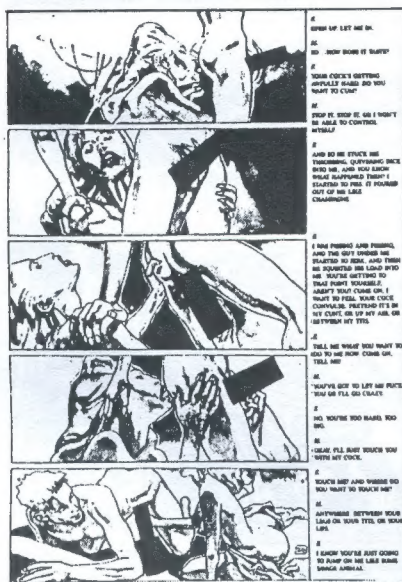
Esta tradição começou em 1913 com tiras num jornal, do humorista Storm P., o qual subsequentemente foi considerado o primeiro mestre cartonista na dinamarca. No decorrer dos anos 20 e 30, outros desenhadores se foram juntar a Storm P. nas folhas dos jornais que, quotidianamente faziam aparecer uma página de humorística em forma de BD. Sem dúvida alguma, Henning Dahl-Mikkelsen foi o campeão internacional desta época, em que criou sob o pseudónimo de Mik um autentico sucesso mundial de nome "Ferd'nand", isto em 1937. Ainda hoje no nosso país, o diário nortenho "O Comércio do Porto", publica regularmente tiras do popular Ferd'nand, o que atesta bem a intemporalidade das tiras de Mik.

Os anos 40 e 50 viram nascer numerosas

séries épicas nos jornais e nas revistas. Eram sobretudo as BDs curtas americanas que inspiravam todas estas histórias, mas o período dinamarquês mais antigo foi também uma boa fonte de inspiração.

A tradição épica do "Funny Animal" encontrará também o seu lugar nos jornais e nas revistas, entre outras sobre a forma da famosa BD para crianças "Petzi" de **Vilhem Hansen** que, depois da sua edição em 1957, teve sucesso não só na Dinamarca como para lá das suas fronteiras, incluindo Portugal (quem não se lembra dos livros do Petzi?).

O interesse que os jovens dos anos 60 e 70 manifestaram pela BD - especialmente pela BD franco-belga que, na Dinamarca causou uma verdadeira explosão de álbuns depois de 1970 - foi a causa da aparição de um grande número *de bons artistas do género, alguns dos quais* hoje em dis representam um grupo de criadores profissionais de BD. Este grupo cria BDs de estilo tradicional e contemporâneo. Humor pérfido, lógica desconcertante, acções alucinantes, sequências épicas e bem estruturadas - tudo na tradição da melhor BD para crianças, adolescentes e adultos.

Estes cerca de cinquenta autores, fazem-se também notar através das descrições do seu mundo e dos homens que o habitam - perspectivas históricas, contemporâneas e futuristas. No fundo toda uma outra visão do mundo posta em forma de BD. [JRF]

Matthias Schultheiss

Talk Dirty

Um *Último Tango em Paris* hardcore, passado a bordo de uma nave abandonada num futuro indeterminado, é como se pode descrever esta intrigante obra de **Matthias Schultheiss**. Com imagens de sexo explícito, e diálogos implacavelmente honestos, Talk Dirty, é uma estranha viagem por muito turvas e escuras águas da psicologia. Aguarelas subtis combinadas de um modo original com os textos, fazem com que Talk Dirty não se pareça com nenhuma outra BD de recente memória. O número 1 foi publicado nos EUA em fevereiro deste ano pela subsidiária da Fantagraphics, Eros Comix. A Associação Neuromanso conta ter esta obra brevemente no seu stock. [JRF]

Jim del Monaco

Aplausos em português, para Louro e Simões, pois claro, os únicos autores lusos com direito a reedição em vida e antes de atingir a proveta idade da reforma. Significativo, goste-se ou não de Jim del Monaco, com todos os defeitos e virtudes que tem.

A responsabilidade é das Edições ASA, que recuperaram os quatro primeiros tomos da série, inicialmente editados pela Futura, a cores, com novas capas, em volumes cartonados com a qualidade e bom gosto que são norma por aquelas bandas. E com a vantagem de o primeiro álbum, (rebaptizado *O Elixir do Amor*), incluir cópias dos guiões de Simões e esboços inéditos de Louro. Os restantes (os três primeiros já por aí à venda) são *Menatek Hara*, *O Dragão Vermelho* e *Em Busca das Minas de Salomão*.

Mas não se fica por aqui a actividade da dupla pois entre Novembro e Março, mais dois títulos das aventuras de Jim, Gina e Tião, viram a luz do dia. O primeiro, *A Criatura da Lagoa Negra*, marcou o retorno às histórias curtas, com alguns gags bem conseguidos. O segundo, *A Grande Ópera Sideral*, pastiche ao filme *Flash Gordon* (com música dos Queen), há alguns anos exibido em Portugal, denota bem o pouco tempo tido para a sua preparação, pese embora o excelente ritmo e nível do primeiro terço do álbum. Depois, o tempo a correr e as muitas ideias para pouco espaço desfazem a boa impressão e quase destroem os méritos que a ideia de dar novos rumos a Del Monaco tinha. [PC]

Nessun Dorma

É uma nova coluna inserida na coluna do **Fernando Vieira** (salvo seja) do jornal Barlavento do Algarve. Mas, nada melhor que o seu autor, **Rui Pinto Garcia**, para falar desta nova secção bedéfila num espaço já antigo: "gostaria de mais uma vez manifestar aqui a minha estranheza por mais esta incongruência, em que a nossa 9ª arte é tão pródiga", "onde também se nota muita graxa", "não tendo se calhar razão nenhumíssima", "e andam por aí alguns patetas", "só que este assunto não merece que se gaste mais tinta".

O **Fernando Vieira** que acorde... [JRF]

Heil Tintin!

Léon Degrelle, antigo general SS, belga, amigo pessoal de **Hergé**, diz com grande ousadia: "Tintin sou eu". Pelo menos é o que diz no jornal "O Independente" de 26 de Junho último.

O artigo, é bastante interessante, e analiza uma faceta do famoso herói - ou seja, do seu criador - por um lado a que não estamos habituados, as suas ideias, reflectidas uma vez por outra nas suas histórias (Tintin no País dos Sovietes, por exemplo), e toda uma vivência em uma época conturbada como o foi a da segunda guerra mundial.

Léon Degrelle, promete vir a tornar pública "a verdadeira" história de **Hergé**, e chegou mesmo a encontrar-se com **Stéphane Steeman** - presidente da "Associação dos Amigos de Hergé" -, com quem manteve acaloradas discussões sobre o tema.

Claro que os "extrema esquerda" bafientos, já andam aflitos, e dizem que Hergé era colaboracionista e Tintin uma personagem fascizante. Não me parece que isso seja verdade.

O livro "Tintin Mon Copain" está para sair (não cá, claro), e a polémica está aí, e avizinha-se bastante divertida. [JRF]

Denys Cowan (Lobo)

Política e BD

Na continuação do artigo Tintin/Léon Degrelle, temos os heróis da direita e da esquerda segundo Jaime Nogueira Pinto. Como campeões da esquerda, o Superhomem e o Corto Maltese, como campeões da direita Blake & Mortimer e Conan (da Ciméria). Não deve andar muito longe da verdade este Jaime Nogueira Pinto, digo eu, não sei... [JRF]

DC e Piranha Press

A DC anunciou há pouco as suas novidades para o outono de 92. Entre as mais antecipadas estão *Broken Dreams*, uma BD a preto e branco por J.M. DeMatteis e Glenn Barr; *Skin Brace*, por Robert Morales, Lou Stathis e Kyle Baker; *The Hip Hop Papers*, por Chris Pape (um artista de Grafiti de Nova Iorque); *The Geek*, por Stefan Petrucha e Chas Truog; e *Boneheads in Ghost Town*, por Lou Stathis e Dean Motter. Por seu lado, a Piranha Press, subsidiária da DC, promete lançar *Gregory II* e *Gregory III*, de Marc Hempel e *Ice-T's Players*, escrito pelo famoso rapper e actor Ice-T (que se tornou um polémico rocker com a sua banda Body Count) com Andy Helfer e desenhada por Trevor Von Eeden. [NC]

Pugh

Animal Man

Jamie Delano, um dos mais inovadores argumentistas britânicos da era pós Watchmen, é agora o responsável pelos argumentos da revista da DC Animal Man (a partir do nº 51). A revista adoptou a designação de "suggested for mature readers", já que o estilo de escrita de Delano está mais orientado para o terror. [NC]

Deadman

Saiu recentemente a segunda mini-série de Deadman assinada pela excelente equipa de Mike Baron e Kelley Jones. O argumento continua a explorar a progressiva degradação da sanidade mental de Deadman. [NC]

Giffen

Keith Giffen, um dos mais activos argumentistas da DC, e também excelente desenhador, voltou à carga com um punhado de novas BDs. Para além de *Lobo* e *Legion of Superheroes*, Giffen edita agora o álbum *Ambush Bug Nothing Special* e *The Heckler*, uma nova revista mensal. Ambas as BDs são escritas e desenhadas por ele. Podem contar com o seu habitual contagioso humor corrosivo nestas duas obras. [NC]

Lee Sullivan

Tek World

Está a ser editada pela Epic nos Estados Unidos uma revista mensal que adapta para BD o livro de William Shatner (actor de Star Trek) *Tek World*. Os argumentos são de Ron Goulart e os desenhos de Lee Sullivan. A BD é descrita como sendo uma mistura de Dashiell Hammet e *Bladerunner*. [NC]

Katshuiro Otomo

Dua novas traduções para inglês de BDs de Katsuhiro Otomo foram recentemente editadas pela Epic. Tratam-se de *Farwell to Weapons* e *Memories*, obrigatórios para todos os fãs de Akira e de boa BD em geral. [NC]

Antologias

Duas muito aguardadas novas antologias estão a ser editadas neste momento nos Estados Unidos - *A-1* e *Fast Forward*. A primeira é a recuperação pela Epic da antologia britânica homónima, contando com nomes como P. Craig Russel, Scott Hampton, Nick Abadzis, Roger Langridge e Simon Bisley. A segunda é uma aposta da Piranha Press e apresenta, à partida, a vantagem de estar temáticamente organizada. O primeiro número, intitulado "Phobias", conta com histórias de Grant Morrison e Dave McKean, Andrew Helfer e Glenn Barr, David Quinn e Gil Ashby, Alec Stevens e Russel Braun. *A-1* terá 4 nºs, enquanto *Fast Forward* só terá 3. [NC]

Charles Burns

Foi editada pela Penguin Books a mais recente obra de Charles Burns, *Skin Deep*. Burns é um dos mais famosos e talentosos autores do underground norte americano. [NC]

A Garagem Hermética

A saga da *Garagem Hermética* continua. Depois de Elsewhere Prince, o nosso amigo Major Grubert contra ataca numa nova mini-série em 4 números, assinada por Moebius, R.J.M. Lofficier e Jerry Bingham. A BD intitula-se *Onyx Overload*. [NC]

Por cá

Impressionante e frustrante é a quantidade de colecções incompletas que ficam em Portugal nas prateleiras de quem vai comprando a BD que vai saindo. São aos montes, desde as velhinhas editadas pela Bertrand, até às mais recentes da Meribérica, passando pelo que vem do Brasil. A irregularidade é no mínimo fantástica, e volta e meia, lá sai mais um álbunzito desta ou daquela colecção, depois é o ritual do costume: espera-se mais uns largos meses pelo próximo, mais uns anos ou até nunca mais. A única editora que parece não ter caído neste marasmo, é a verbo com a edição do Tintin (brilhantemente dobrado para Tintim). Ainda dizem que os fanzines são irregulares! [JRF]

Rick Leonardi e Al Williamson

Marvel 2099

A Marvel lançou este Verão uma nova linha de revistas intitulada Marvel 2099, que transpõe para o futuro heróis bem nossos conhecidos. Assim, podemos seguir as aventuras de versões futurísticas do Homem-Aranha em *Spider-Man 2099*, do suspeito Doutor Destino em *Doom 2099* e *Punisher 2099*. Como curiosidade, foi lançada uma nova série escrita por Stan Lee com um herói totalmente novo - *Ravage 2099*. [NC]

À Atenção dos Interessados

Existem por aí muitos impostores ditos da crítica especializada que apenas "criticam" na esperança de receberem BD de borla que tanto pode ser em forma de fanzine, revista, convite para isto ou para aquilo, jornal ou álbum. E ainda por cima, acham que é da obrigação dos editores facultar-lhes tais borlas para que possam fazer o seu extenuante trabalho em prol da BD nacional. Há meliantes com uma lata! [JRF]

Kent Williams

Tell Me Dark

A nova BD do fabuloso Kent Williams, *Tell Me Dark*, tem a curiosa particularidade de já ter sido imensamente elogiada meses antes de ter sido editada. Trata-se de uma Graphic Novel com argumento de Karl Edward Wagner e John Ney Rieber. O tema foi vagamente descrito como sendo a obsessão de um homem pela sua ex-amante, que o leva a extremos de loucura. [NC]

Howard ChayKin

Howard Chaykin lançou recentemente a sua última obra pela Epic. Trata-se da Graphic Novel The Stars My Destination, uma adaptação do homónimo romance de ficção científica de Alfred Bester. [NC]

Residents

A editora Dark Horse publicou uma BD que adapta conceitos e personagens do álbum *Freak Show* do irreverente e original grupo Residents. O álbum conta com colaborações dos geniais John Bolton, Dave McKean, Savage Pencil, Kyle Baker, Matt Howarth e Charles Burns. [NC]

Matt Wagner

Matt Wagner está de novo em actividade. Depois de concluir a sua contribuição para *Legends of the Dark Knight*, Wagner irá trabalhar em *Sandman Mystery Theatre*. Esta série não tem nada a ver com a personagem criada por Neil Gaiman (embora também seja editada na DC), mas sim com uma personagem dos anos 30, altura em que se situa a narrativa. Entretanto, Wagner vê finalmente publicada a sua última série de 10 capítulos da saga Grendel, intitulada *Grendel: War Child*, pela Dark Horse. [NC]

Sam Raimi

O novo filme de Sam Raimi, a continuação do clássico de terror *Evil Dead II*, vai ter direito a uma adaptação pela Dark Horse. O argumentista vai ser Sam Raimi "himself", já que ele é um admirador de longa data da BD. Os desenhos estarão a cargo de John Bolton. [NC]

Branca de Neve Violenta?

Em Duval County, Florida, o livro *Branca de Neve e os Sete Anões* foi posto na lista da literatura restringida do sistema escolar, por causa de queixas de pais (uns nabos cristãos fundamentalistas) sobre a alegada violência contida no dito conto de fadas. Agora, os estudantes mais novos, apenas podem ter acesso a este clássico da literatura infantil com a autorização dos pais.

A lista de livros postos de parte pelos "ayatollahs" de Duval County já vai em mais de 60 títulos. [JRF]

Mary Mitchell

Batman

Os designs de cenários do falecido Anton Furst para o primeiro filme Batman foram há alguns meses adoptados para as revistas do Homem-Morcego. Para celebrar esse evento, foram lançadas duas BDs - uma, *Destroyer*, nas revistas da linha Batman, e uma mini-série intitulada *Gotham Nights*. O universo Batman só ficou a ganhar com a adição desta versão mais gótica de Gotham City. [NC]

Foi Saindo...

Operação Comics
Alain Grand
ASA, 60 págs, Cor, 1190$00

A Grande Ópera Sideral
Louro & Simões
ASA, 64 págs, Cor, 990$00

O Segredo do Espadão 1
Edgar Pieere Jacobs
Meribérica, 56 págs, Cor, 1365$00

Explorando a Lua
Hergé
Verbo, 62 págs, Cor, 880$00

O Caso Girassol
Hergé
Verbo, 62 págs, Cor, 880$00

O Olho do Caçador
Berthet e Foersteer
ASA, 48 págs, Cor, 900$00

Nemo #10
Fevereiro 92, 30 págs, A4, P/B, 250$00
R. Almirante Reis, 91A R/C - 4490 Póvoa de Varzim

A Raça das Trevas #1
Alan Grant, John Wagner e Jim Balkie
Abril Jovem, 32 págs, Cor, 350$00

Marshall Law #1 - #5
Pat Mills & Kevin O'Neill
Abril Jovem, 32 págs, Cor, 250$00

Calendário

Tertúlia BD

Os próximos homenageados e convidados da Tertúlia organizada pelo Geraldes Lino são os seguintes: dia 6/10, Luis Correia e Fernando Martins; dia 3/11, Túlio Coelho e Paulo Goulão; dia 15/12, é o encontro especial de Natal, portanto, não há homenageado nem convidado. Para mais informações escreva para Geraldes Lino, Apartado 5464 - 1707 Lisboa Codex.

Amadora Cartoon 92

De 17 de Outubro a 1 de Novembro, temos o 3º Festival Internacional de Banda Desenhada da Amadora, que estará situado na Fábrica da Cultura (um espaço com cerca de 2700m2). Decorrerão paralelamente várias actividades, das quais destacamos três concursos: o 3º Concurso de BD, o Concurso Municipal de BD e o 1º Concurso de Cartoon.

Para mais informações contactar a Câmara Municipal da Amadora - Av. Movimento das Forças Armadas - 2700 Amadora

Ourense

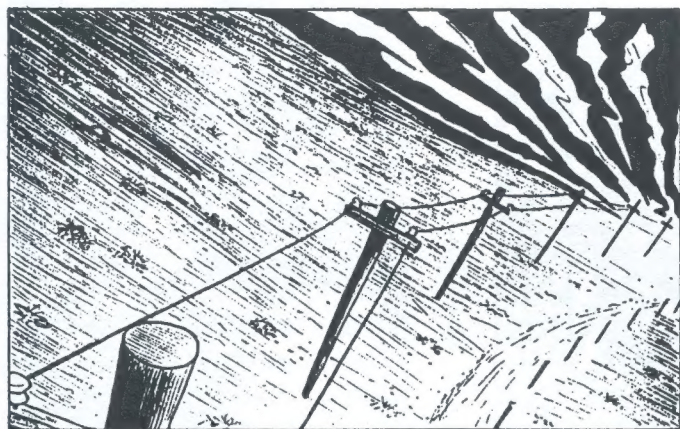
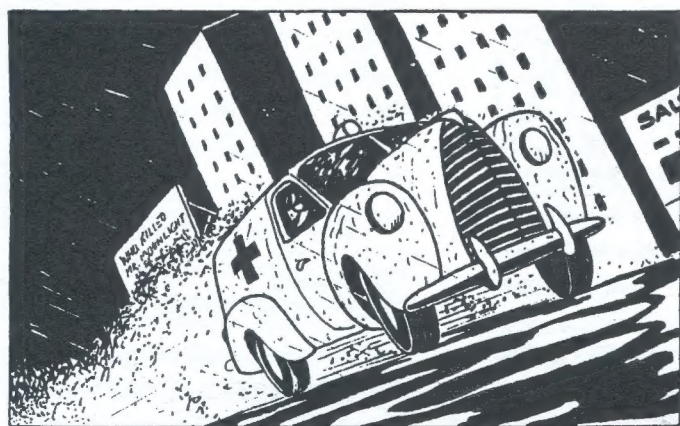
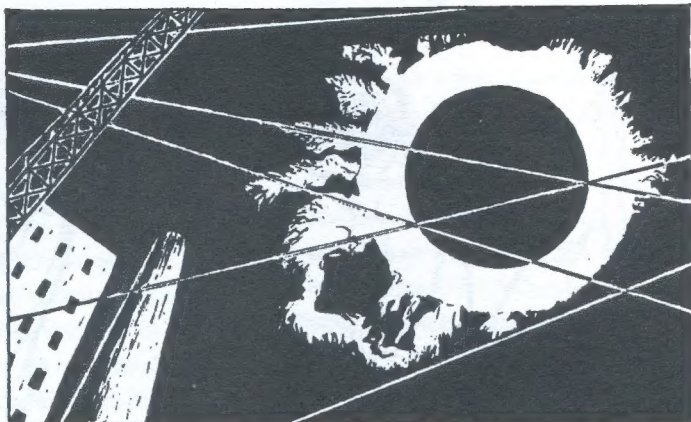
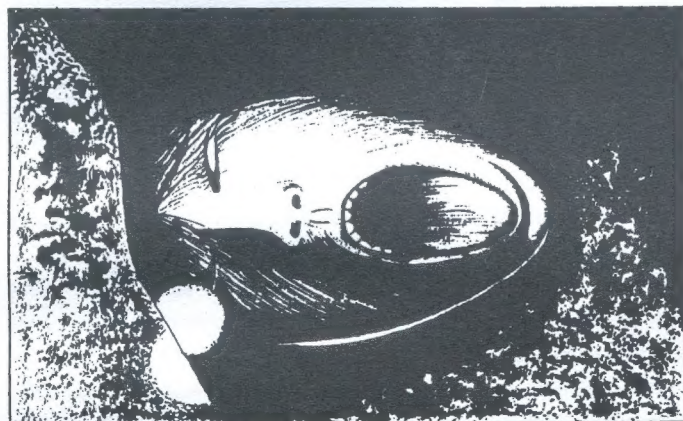
Vão de correr as IV Xornadas de Banda Deseñada de Ourense de 2 a 10 de Outubro próximo.

Valência

Salão Internacional del Comic de 26 a 29 de Novembro em Valência no Ateneo Mercantil.

José Carlos Fernandes

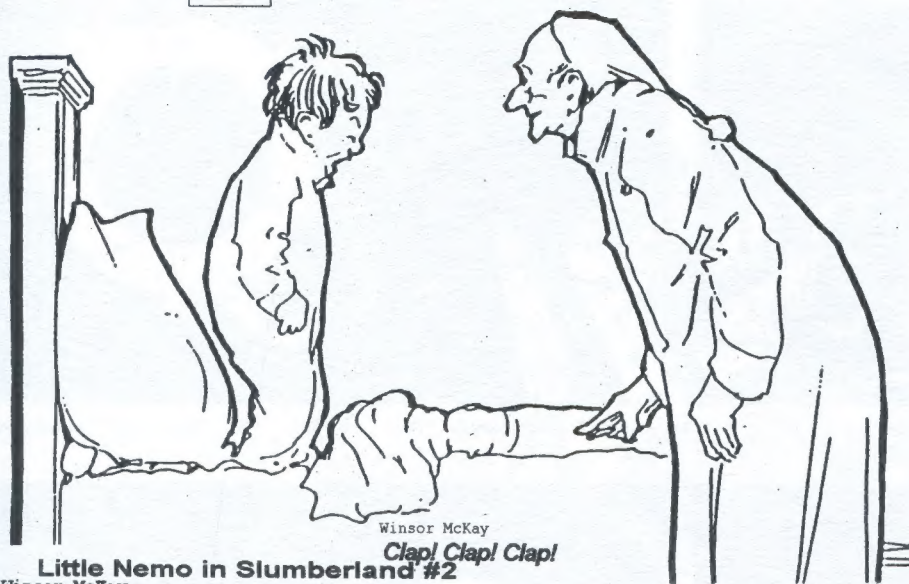
T H I S I S F O R

WHEN THE RADIO IS BROKEN AND CRACKLES LIKE URANIUM ORCHIDS

THIS IS FOR WHEN THE FÖHN-WIND RATTLES THE TELEGRAPH WIRES LIKE A HANDFULL OF BONES

THIS IS FOR WHEN DREAM AMBULANCES SKITTER THROUGH THE STREETS AT MIDNIGHT

THIS IS FOR WHEN YOU GET CAUGHT IN A SLEEP-RIOT AND THE SKY IS OUT OF ORDER

THIS IS FOR WHEN YOUR SEX IS FULL OF VOODOO

THIS IS FOR WHEN YOUR CLOTHES ARE IMAGINARY

THIS IS FOR WHEN YOUR FLESH CREEPS AND NEVER COMES BACK

Desenhos de José Carlos Fernandes sobre poema em epígrafe no álbum "Mask" dos Bauhaus

Clap! Clap! Clap!

Little Nemo in Slumberland #2

Winsor McKay
Livros Horizonte, 96 págs, Cor, 2900$00

Richard Marschall, apaixonado e fanático divulgador de banda desenhada, apostou o seu dinheiro em algo que parecia então um sonho: fazer uma recolha e compilação tão completa quanto possível das aventuras de Little Nemo in Slumberland, criado pelo genial **Winsor McKay** no início do século, quando três gigantes da imprensa americana - **Bennet**, **Hearst** e **Pulitzer** - disputavam entre si a atenção do público nova-iorquino, e as redacções dos jornais não sobreviviam sem um departamento de desenhadores.

Bennet era proprietário de dois jornais, - o "Daily Telegram" e o "New York Herald" - e foi na edição dominical deste último que a série *Little Nemo in Slumberland* começou a ser publicada em 1905. Ao contrário da grande maioria de outros desenhadores, **Winsor McKay** não produzia tiras diárias. Com a paciência de um "burguês da classe média", como diz **Marschall**, sentava-se em frente da sua prancheta e delineava a sua página semanal para a edição de domingo. O pequeno Nemo (termo que em latim significa "ninguém"), todas as semanas se deitava na sua cama e invariavelmente despertava para os sonhos, mundos fantásticos e inexplorados daídos da genial imaginação de **McKay**.

Winsor McKay morreu há mais de meio século, eos direitos sobre a sua obra permaneceram no King Features Syndicate, e só muito recentemente caíram no domínio público. As zincogravuras originais - processo por que eram impressos os desenhos de **McKay** na altura - foram perdidas há muito, e tudo o que sobreviveu da obra foram apenas as páginas do jornal, excepção feita às que se perderam num incêndio no "Herald". Pranchas houve que foram recuperadas graças ao hábito que **McKay** tinha de oferecer os seus desenhos originais aos amigos e conhecidos.

Richard Marschall pegou em algum material dos jornais e outro das pranchas originais e, com a paciência de um "burguês da classe média", procedeu à recomposição do trabalho numa edição de quatro volumes. Apostou nisso o seu dinheiro; fez os fotolitos, fez a edição (com a chancela da Remco World Service Books, editora que entretanto formou), voou para a Europa e aterrou na feira de Frankfurt em 1989. Foi aí que encontrou **Eduardo Moura** dos Livros Horizonte, bem como vários outros editores apaixonados pelos quadradinhos.

Para **Marschall**, os fotolitos de Little Nemo - os únicos que existem de toda a obra - valem mais que ouro: não os aluga, não os copia e muito menos os empresta. Apenas alinha em co-edições internacionais desde que seja ele a imprimir os volumes em Hong Kong. A julgar pela autêntica assassinagem a que algumas editoras sujeitam obras de valor (estou-me a lembrar da Abril, por exemplo), se calhar esta é a melhor atitude. O controle de qualidade está assim garantido, e a edição tem uma apresentação e qualidade exactamente igual nos doze países em que saiu.

Os quatro volumes, contêm apenas as 290 pranchas correspondentes aos anos 1905/1911, e o segundo tomo está disponível em Portugal desde o Verão de 91, período em que os Livros Horizonte iniciaram outro projecto fascinante, ou não tivesse ele resultado também da associação com **Richard Marschall** e a RWS Books: o período kolorido (1935/1944) do Krazy Kat de **George Herriman**, em sete volumes. [JRF]

P.S. A Fantagraphics Books, acaba de editar um quinto volume das aventuras do pequeno Nemo com o genérico de "In the Land of Wonderful Dreams", reedição do primeiro ano e meio dessa série, de 1911 e 1912. Estes episódios são considerávelmente menos conhecidos que os seus precursores, mas nem por isso menos espectaculares em desenho, cor e perspectiva.

Pelos vistos em Portugal vamo-nos ficar por quatro volumes (esperemos que se chegue lá). [JRF]

Buh!!!

Animal #19

VHD, 82 págs, P/B e Cor, 450$00

Apesar de tudo, a revista Animal lá vai aparecendo nas bancas portuguesas, e nas páginas do epitáfio.

Neste número, o destaque vai para **Matthias Schultheiss** e para o princípio da sua BD "O Sonho do Tubarão", BD adulta, violenta e a prometer muito para os próximos números. Além disso, temos **André Toral** onde não encontro um único ponto de interesse, a ridícula Tank Girl de **Jamie Hewlett & Alan Martin** - continuo a não imaginar a razão do grande sucesso disto na Grã-Bretanha, o ridículo "Sonho Radical" de **Mosquil**, o ridículo Mau (não tão ridículo como o costume - gostei especialmente do Mau Amor - mais uma prova que o mundo vai mau), o ridículo Edmundo o Porco de **Rochette & Veyron**, **Jaime Martin** - com uma história ridícula, **Ortiz & Segura** e **Joe Ruffner & Eric Puech**. Ia-me esquecendo dos super-ridículos Cowboy Henk e Mark Edito respectivamente de **Kamagurka & Herr Seele** e **Piotr**, onde eu continuo a não descortinar a mais mínima piada. Resumindo: um número ridículo, que vale pelo **Schultheiss**, **Ortiz & Segura** e pouco mais. [JRF]

Clap!

Eros #9

Dez 1991, A4, 30 págs, 300$00
Apartado 5464 - 1707 Lisboa Codex

Passou um ano sobre o número precedente, e se em alguns aspectos surpreende, noutros, este *Eros* desilude.

Em termos de apresentação, não tenho dúvidas em afirmar que é o melhor, a capa está bonita como nunca, o desenho de **Luis Diferr** ajuda muito. **Pedro Nogueira** apresenta-nos uma BD de parceria com o seu irmão **José**, que considero muito acima da média normalmente apresentada nos fanzines (e a média tem subido). A complementar a história, uma entrevista a **Pedro Nogueira**, conduzida pelo próprio **Geraldes Lino**. Seguidamente, uma BD de **Arlindo**, igualmente interessante. E passa-se assim a melhor parte do fanzine, de longe. O resto é puramente desinteressante e resume-se a citações (ou (ex)citações - muito pouco excitantes) das mais variadas proveniências e a uma mão cheia de desenhos não originais, com duas únicas excepções. Temos então, e por ordem de aparência, a "Vinheta Erótica", outra "Vinheta Erótica" desta vez "made in USA", um "Postal Erótico", "Capismo (!?) Erótico", o "Desenho" (não diz "erótico"), um original de **Pedro Dias**, outra vinheta de página inteira inserida numa notícia

da *Vécu* e finalmente a contracapa com o "Eros Internacional" e um desenho original de Prado.

Uma curiosidade: numa notícia sobre o semanário *O Diabo*, Geraldes Lino classifica uma BD lá aparecida em tempos, - "O Cerco" - de Jorge Miguel, como sendo de qualidade surpreendente, e é mesmo. A curiosidade é que o Jorge Miguel publicou no epitáfio #4 a prancha intitulada "A Potra Saltitante" com o pseudónimo de Amadora. Se repararem, a qualidade é também surpreendente, não obstante o péssimo original. É uma autêntica lástima que um artista deste calibre não se dedique mais à BD, seria provávelmente o nosso melhor autor. Mas, dedicar-se para quê? Para publicar em fanzines? Quantos Jorge Migueis andam por aí?

Mas voltando ao inicial assunto, o *Eros* peca por ter demasiado trabalho dos outros, de resto, a produção própria, é boa, como de costume. [JRF]

Diniz Conefrey

Clap!

LX Comics #4
MFCR, Trimestral, Verão 91 (?), 52 págs, P/B e Cor, 400$00

A fórmula inicial continua. Laboratório para aqui, laboratório para acolá, resultado: a publicação de coisas boas, coisas más e coisas péssimas. Vou-me abster de fazer críticas a este ou aquele autor, o resultado final do conjunto e que acaba por ser demasiado inócuo para o meu gosto.

Este número tem os do costume e outros: Varanda, Louro, Conefrey, Fortes, Saraiva, Worm, Corbel, Mateus e Burgos.

No último Salão de BD do Porto, corriam rumores insistentes, que este seria o último número da LX, portanto, e não precisando de ser génio em matemática, o número existente de revistas de BD em Portugal, passou a ser igual a zero. Acho que a LX vai deixar saudades, no fundo foi um ano bem passado. [JRF]

Clap! Clap! Clap!

Fahrenheit 37.4
Janeiro 92, 40 págs, P/B, Dkr. 20
Jesper Brochmandsgade 7, st.tv. - 2200 Copenhagen N - Dinamarca

Está do melhor este fanzine dinamarquês editado por Paw Mathiasen, principalmente para quem gosta de boa BD underground.

A compreensão é difícil, claro está (e isto para não dizer impossível), mas histórias há sem balonagem, portanto de compreensão à partida universal. Paw classifica o seu fanzine como uma "antologia internacional, que oferece comics com uma nova e diferente qualidade" A provar isso estão comics de Smet, Mary Fleener, Mikkel Rov, Svanemanden, Ole, Christensen, do próprio Paw, entre outros. A impressão e aspecto geral acompanha a qualidade geral, o que faz este fanzine recomendável sob todos os aspectos, excepto talvez o do idioma.

Que a temperatura continue a subir... [JRF]

Clap! Clap!

Hellraiser #1, #2, #3
Abril Jovem, 64 págs, Cor, 380$00

Em 1987, Clive Barker, insatisfeito com o tratamento dado pelos cineastas aos seus livros, resolve realizar o seu primeiro filme, *Hellraiser,* baseado no seu romance *The Hellbound Heart*. Nele é descrito pela primeira vez o mundo dos Cenobitas, seres perversos para quem a dor e o prazer estão interligados. A busca desenfreada do prazer, conduz invariavelmente à dor, e para os Cenobitas, falar de dor, é falar de prazer.

Penso que a compreensão das histórias em BD, só será completa para quem vir os filmes - *Hellraiser* e *Hellbound* - ou para quem ler o romance. Houve uma preocupação em criar limites ao universo e ao contexto, para que, embora as narrações não estejam interligadas, haja uma coerência entre elas, apesar da enorme quantidade de argumentistas e artistas que participam na edição.

Era inevitável, num projecto desta grandiosidade (em termos de autores), a qualidade sair muito variável, mesmo com toda a subjetividade inerente. A diversidade é muita, e isso só muito dificilmente se poderá considerar uma desvantagem.

No primeiro número, forma reunidas histórias de Erik Saltzgaber e John Bolton (com uns desenhos magníficos), Sholly Fish e Dan Spiegle, Jan Stranad, Bernie Wrightson e Bill Wray e o para mim excelente Ted McKeever.

No segundo, temos, Marc McLaurin e Jorge Zaffino, James Robert Smith e Mike Hoffman, Dwayne McDuffie e Kevin O´Neill, Scott Hampton e Mark Kneece a finalmente mais um delírio gráfico de Philip Nutman e Bill Koeb.

Finalmente, no terceiro, Jan Strnad e Steve Buccellato, R. J. M. Lofficier e John Ridgway - com O Sangue do Poeta, porventura uma das histórias mais bem conseguidas e que melhor ilustra o universo cenobita - e por fim Peter Atkins, Dave Dorman e Lurene Haines com uma história bastante cruel e conseguida.

Além de esta mão cheia de artistas, ainda há o bónus de várias ilustrações por outros tantos artistas, que são um autentico espectáculo para os sentidos. De todos os ilustradores, permito-me destacar Bill Sienkiewicz e Kent Williams.

Apesar de todos os bons argumentos, penso que é preciso gostar do género de terror e fantástico para se poder apreciar convenientemente estas histórias. Nos EUA, a colecção já vai no número 17. Esperemos que os da Abril não nos deixem (mais uma vez) ficar mal. [JRF]

Kent Williams

Clap! Clap! Clap!
Hellraiser #4
Abril Jovem, 64 págs, cor, 400$00

Este exemplar, conseguiu reunir a melhor selecção de histórias da colecção. A primeira, "Cenobita!" de Nicolas Vince e arte de John Van Fleet, conta a história da formação do cenobita Leverett e está plenamente conseguida, quer em termos de argumento quer em termos visuais. A seguinte, segue-lhe os passos, Scott Hampton e a sua irmã Bunny Hampton-Mack, contam-nos uma história capaz de nos prender até à derradeira vinheta. A última, talvez a mais intrigante, está mais uma vez do melhor, o argumento é de Jan Strnad e as imagens de Mark Chiarello. Junto com as ilustrações de Kent Williams e Bill Sienkiewicz, entre outros, formam um conjunto que servirá de referência para os números seguintes. A destoar, está uma vez mais o tenebroso prefácio de Daniel Chichester - que não sei para que me dou ao trabalho de o ler. Pode-se dizer que Hellraiser não é uma publicação assustadoramente boa, mas este número é obrigatório. [JRF]

Clap! Clap! Clap!
Cimoc #135
Norma, 100 págs, P/B e Cor, 450ptas

Como é possível que ainda haja quem não compre a Cimoc? Mais a mais desde que sofreu uma remodelação que a tornou ainda melhor, desde a capa brilhante, quase brochada, até ao interior, com grafismo atractivo e melhor arrumação, e um lote de histórias de fazer água na boca a qualquer amante da 9ª arte. O único senão, parcial, pois bastante tem evoluído neste aspecto, são algumas capas que nada têm a haver com o conteúdo...

Passando às histórias, destaque grande, enorme, para o novíssimo *Trazo de Tiza*, a nova BD de Prado, graficamente à altura do suspense criado. As cores são belas e suaves, o traço semi realista, em que parece misturar-se o pastel, o lápis de cera e sei lá que mais, enquadra na perfeição a narrativa, sobre a qual, para já não me pronuncio. O cenário é uma ilha isolada, quase perdida, onde apenas há um farol/estalagem, com a sua dona, um filho e gaivotas, muitas gaivotas. Lá vão ter por ironia do destino (leia-se Prado?) dois navegadores, um casal, cada um no seu barco, começando uma relação tensa, difícil, muito humana que... fico à espera dos próximos capítulos.

Nas suas páginas, há também lugar para *Sin City* a nova criação de Frank Miller, um registo intimista, hiper violento, e com mais uma arrojadíssima planificação. Também em trânsito estão *Marius Dark* (belíssimas cores, trama misteriosa com ligações aos ritos celtas) de Pasqual Ferry, *Macbeth* dos irmãos Polls, *Sussurro* de Mattotti e Kramsky, *Moco* de Abuli e Génies (histórias de um chavalo dos bairros pobres), *Kogaratsu*, de Bosse e Michetz (histórias de um samurai, contadas por dois ocidentais, com toda a carga tradicionalista e mística própria dos orientais), textos curtos, incisivos e bem variados, etc, etc.

E só para enraivecer os que não a lêem, posso acrescentar que por lá também têm passado Schuiten e Peeters (com a primeira parte de *Brusel*), Brian Bolland, Dave Gibbons, Cabanes, Bilal, Cauvin, Boucq, Segrelles, Arno, Blanc-Dumont, Loisel (com *Peter Pan*), Manara, etc. É um crime que não chegue a Portugal... [PC]

Mark Buckingham

Clap! Clap! Clap!
Miracleman #22
Neil Gaiman e Mark Buckingham
Eclipse, 36 págs, cor, $2.50 US

Chegou ao fim a idade do ouro em *Miracleman*. Neil Gaiman, ao longo de uma saga de 6 números intitulada Golden Age, explorou o universo criado por Alan Moore e abandonado por este no número 16. Neste número, Gaiman faz um ponto da situação, reunindo as personagens secundárias que havia criado ao longo deste capítulo, usando como pano de fundo a celebração anual do massacre de Londres por Kid Miracleman. Para além disso, deixa-nos algumas pistas para o próximo, intitulado Silver Age: em Retrival, uma enigmática história paralela que surgiu ao longo da Golden Age, Miracleman "recupera" o seu antigo colaborador, Young Miracleman, o qual se tornará o protagonista. Dave McKean, que desenhou as capas para os seis nºs de Golden Age, abandona agora *Miracleman*, para ser substituído pelo talentoso Barry Windsor-Smith. Convém não esquecer que Gaiman prometeu aproximar cada vez mais Miracleman a um estilo semelhante aos comics de super-heróis, o que se distancia totalmente da premissa original de Moore - fazer uma BD de super-heróis com um ponto de vista realista. Gaiman, pelo contrário, prefere acentuar o carácter mitológico de *Miracleman*, usando a lógica do universo de super-heróis. Qualquer que seja a abordagem, *Miracleman* foi sempre uma revista indispensável, e tudo indica que o continuará a ser. [NC]

Will Eisner

Clap! Clap!
Spirit #86, #87
Will Eisner, Wally Wood, Jules Feiffer
Kitchen Sink Comix, 36 págs, P/B, $2.00 US

Acabou com o nº 87 a reedição pela Kitchen Sink de *Spirit*. Esta edição é muito recomendável para todos aqueles que se sentiram frustrados com a interrupção da publicação desta BD pela Abril. Estes dois nºs constituem um caso à parte na carreira de Denny Colt - neles são publicadas as suas aventuras lunares. Este "Outer Space Spirit" tem também a particularidade de ser parcialmente desenhado por Wally Wood, um dos maiores nomes da BD norte-americana da época. As histórias são medianas, mas aqui o que conta mais é o efeito surpresa de ver Denny Colt com um fato espacial e a tentar adaptar-se à vida na lua. É também curiosa a versão de Wood para Spirit, pouco subordinada ao estilo de Eisner. Para aqueles que querem mais doses mensais de *Spirit*, a Kitchen Sink começou recentemente a reeditar as histórias pré-guerra de Eisner. [NC]

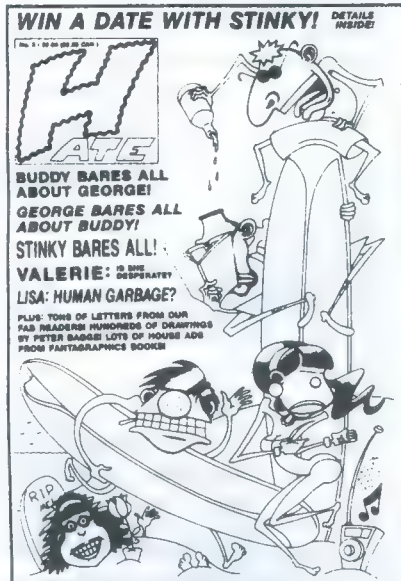
Clap! Clap! Clap!

O Homem de Nenhures

Pierre Benoit e Pierre Nedjar
ASA, 80 págs, Cor, 950$00

Já repararam na pasmaceira editorial que grassa neste país? Isto, apesar do bom lote de novidades que a ASA tem posto nas montras, embora com um cunho marcantemente juvenil, continuando a ser a única editora com um programa editorial, mais a mais inteligente e compreensível.

No meio de tanta pobreza (para quem pretende obras mais evoluídas, entenda-se), corria o risco de passar despercebido este surpreendente *O Homem de Nenhures*, inicialmente editado em capítulos soltos na (à suivre), o que bem se nota na evolução da linha clara, de traço fino de cores suaves e quentes, de um surpreendente Nedjar. A história de Benoit narra a odisseia de um homem sem passado em busca de si próprio (mas apesar das semelhanças com XIII, a evolução é bem diversa), com um desfecho inesperado e de certa forma assustador por todas as dúvidas e ilações que levanta.

A edição, sendo ASA, não há que se lhe aponte, com especial destaque para o preço surpreendentemente... baixo! [PC]

Peter Bagge

Clap! Clap!

Hate! #6

Peter Bagge
Fantagraphics, 28 págs, P/B, $2.25 US

Hate! é a nova revista de Peter Bagge, o infame autor de *Neat Stuff*. E é desta última BD que Bagge veio buscar a personagem principal de *Hate!*, Buddy Bradley. Neste número, Buddy mergulha mais uma vez nos horrores da vida suburbana. Desta feita, tem que passar pelo terrível martírio de conhecer os pais da simpática namorada. Bagge consegue transformar o quotidiano de um estudante universitário normal (ou melhor, mais desleixado e amoral que a média...) num colorido jardim zoológico de personagens egoístas, esquizofrénicas e mal-humoradas. Soa familiar? Pois é, Bagge tem o dom de detectar os nossos defeitos mais imperceptíveis e ampliá-los, fazer-nos rir e ainda ganhar dinheiro à custa disso. Mas Bagge é mais que um simples caricaturista, também sabe contar boas histórias. *Hate!* é a maneira mais acessível de tomar contacto com um dos melhores cartoonistas da actualidade. [NC]

Chris Warner

Clap!

Hard Looks #2

Dark Horse, 32 págs, P/B, $2.50 US

A Dark Horse, que todos os meses bombardeia o mercado com novas publicações, decidiu agora lançar uma nova antologia - *Hard Looks*. Esta série adapta as histórias curtas do escritor de policiais Andrew Vachss para BD. Neste número, estão presentes alguns nomes conhecidos, como Chris Warner e David Lloyd (de *V For Vendetta*). As histórias são consistentes, bem escritas, imaginativas e violentas quanto bastem para satisfazerem qualquer admirador do género. Contudo, quem não for leitor habitual de policiais sentir-se-á pouco à vontade com a violência pela violência e atitudes excessivamente machistas aqui patentes. [NC]

Clap! Clap!

Lobo: the Last Czarian

Keith Giffen, Alan Grant e Simon Bisley
DC, 116 págs, Cor, $9.95 US

Lobo é o um cruzamento entre Buggs Bunny, Rambo e Spok. Lobo é tão violento que se torna engraçado. Mas é preciso ter um sentido de humor um pouco deturpado para achar piada a tantas torturas, desmembramentos, espancamentos, e genocídios, os pratos fortes de Lobo. Se tiver estômago para isso, vai ver que os seus esforços serão recompensados - à frente de *Lobo: the Last Czarian* está uma equipe de primeira: Giffen, Grant, e Bisley, este último uma das estrelas em ascensão nos Estados Unidos (é o responsável, entre outras coisas, pelas deslumbrantes capas de *Doom Patrol*). A história deste álbum é demasiado complexa para ser resumida. Para dar uma ideia do negro sentido de humor, nas 14 primeiras páginas descubrimos que Lobo é contratado para servir de guarda costas a uma escritora famosa. Até aqui tudo bem. Só que essa escritora é a autora de uma biografia de Lobo não muito elogiosa para este, para além de ser a única sobrevivente do planeta natal de Lobo (que ele destruiu) e sua ex-professora primária. O único obstáculo que o impede de se tornar o último sobrevivente da sua raça, de estralhaçar a sua odiada ex-professora e de torturar a autora de uma caluniosa biografia é a sua ética profissional (a única coisa vagamente semelhante a moral que Lobo possui). Ainda por cima, seria matar três coelhos com uma cajadada só. Citando Alex, de Laranja Mecânica: "Just a little bit of the good old ultraviolence...". [NC]

Clap! Clap!

Yummy Fur #20

Chester Brown
Vortex Comics, 28 págs, P/B, $2.00 US

Yummy Fur tem um mérito inegável: é original. Chester Brown recusa tudo o que não é manual e todo o tipo de intervenção alheia - tudo nesta revista é feito por Chester Brown em "free hand", mesmo o logotipo da sua editora. Esta estética individualista estende-se ao conteúdo de *Yummy Fur* - trata-se de uma BD sobre Chester Brown, os seus amigos, o seu trabalho (é curioso assistir à criação da banda desenhada que estamos a ler...), sem

que este nos imponha a sua visão do mundo de maneira gratuita. Brown opta por uma posição neutral, procurando apresentar os factos na sua forma mais pura. O maior problema de *Yummy Fur* é essa falta de energia, de imaginação - afinal, a vida de Brown não é assim tão fascinante como ele desejaria. Para quebrar este elogio do quotidiano, Brown apresenta-nos mais um capítulo da sua versão do novo testamento. No entanto, como seria previsível, não se trata de algo do género "As mais belas histórias da Bíblia" ou adaptações afins que por cá se publicam. E ainda bem. Resumindo, *Yummy Fur* é saudável e recomendável para quem estiver preparado para uma grande dose de ego-centrismo. [NC]

Ed Hillyer

Clap! Clap!

The Eyeball Kid #1

Eddie Campbell e Ed Hillyer
Dark Horse, 32 págs, P/B, $2.25 US

Eddy Campbell é um autor talvez mais conhecido dos leitores portugueses pela sua colaboração com Alan Moore em *From Hell*. No entanto, o australiano Campbell tem vindo a construir uma sólida obra com a trilogia de séries interligadas, *Deadface*, *Bacchus* e *Eyeball Kidd*. Todas elas jogam com a mitologia grega, acrescentando-lhe novas personagens e transpondo-a para a actualidade. Eyeball Kidd é um simpático baixote, com vinte olhos, que já teve os seus dias de glória, depois de ter assassinado Zeus e lhe ter roubado todo o seu poder. Agora, viu-se privado desse mesmo poder, levando um estilo de vida miserável e conformista. É curioso assistir à sua luta interna entre a sede de vingança contra os que lhe roubaram o poder, a sua natureza materialista e a sua nostalgia, que poderá tender para uma espiritualidade que o liberte dessas próprias disputas internas. [NC]

Clap!

X Factor #75

Peter David, Larry Stroman e Al Milgrom
Marvel Comics, 46 pags, Cor, $1.75 US

É hábito na Marvel comemorar os números "redondos" das suas revistas com uma edição especial mais longa. É o caso deste nº 75 de *X Factor*, o quinto a cargo da nova equipa creativa, onde sobressaem as "stars" Peter David e Larry Stroman. Peter David, à frente dos argumentos, corresponde às espectativas, construindo histórias sólidas e mantendo o "suspense", enquanto que Stroman adapta o seu traço estilizado ao universo dos super-heróis, entregando-se a estravagantes interpretações de personagens conhecidas. No Outono, porém, Stroman sairá para se dedicar a um novo projecto para a DC, *Darkstars*. Assim, *X Factor* é um comic aconselhável aos incondicionais do género, particularmente pelo lado visual, o seu factor (trocadilho) mais original. [NC]

Peter Bagge

Clap! Clap!

The Adventures of Junior and Tragic Tales about Other Losers

Peter Bagge
Fantagraphics, 136 págs, P/B, 2200$00

Se depois de Vuillemin, pensam que já viram tudo em matéria de corrosão, têm de pôr os olhos nos comics deste americano. É outro estilo, mais urbano, mais psicológico, mas nem por isso menos doido. a maluqueira, começa logo na primeira página, com o Junior, um dos personagens mais patéticos de sempre. Depois vem o casal "perfeito" - Chet e Bunny Leeway - cujo lema é "a cynic's work is never done", e por fim, na 3ª parte, uma miscelânea de outros perdedores não tão bons como os primeiros, mas curiosos. Os desenhos caricaturais, fazem rir mesmo sem o texto, e há passagens da sociedade americana tão bem apanhadas, que só visto. Peter Bagge tem o condão de topar os podres e defeitos da sociedade do outro lado do Atlântico e pô-los no papel com a maior das calmas. [JRF]

Clap! Clap! Clap!

Justice League America #60

Keith Giffen, J.M. DeMatteis, Kevin Maguire e Terry Austin
DC, 36 págs, Cor, $1.00 US

Este número de *Justice League* reúne a sua genial equipa inicial - Giffen, um dos mais criativos argumentistas "mainstream" actuais; DeMatteis, um dos génios da BD (basta recordar *Blood* e *Moonshadow*); Maguire, apelidado de "senhor cara expressiva" pelos inimitáveis rostos que desenha; e Austin, um dos arte-finalistas mais solicitados nos E.U.A.. Juntos, haviam transformado *Justice League* na BD mensal mais engraçada do mercado, juntamente com *Groo*. Nunca os super-heróis haviam tido tanta piada - diálogos perfeitamente "nonsense", paródia aos clichés do género, sátira de filmes famosos e séries de televisão, violência nunca isenta de comicidade. *JLA* foi, durante 60 números, a única BD de super-heróis (juntamente com *Marshal Law* e *Doom Patrol*) a fazer sentido depois de *Watchmen*. Agora, com o abandono de Giffen e DeMatteis, o futuro parece incerto (para o negro). Mas a nossa saudade antecipada foi atenuada pelo canto de cisne destes dois argumentistas, que contou com a ajuda dos seus antigos colaboradores. Esta reunião transformou este número num dos melhores da série, especialmente pelas mudanças de registo dramático. Abandone por uns segundos os seus preconceitos contra os super-heróis e leia este *JLA* 60. [NC]

Clap! Clap !

Sexologues

Vuillemin e Churon
Magic Strip, 128 págs, Cor, 3.500$00

Para quem não conhece o estilo mais que polémico de Vuillemin (demonstrado em álbuns como *Tristes Destins*, *Vie de Chien* ou ainda nas pequenas histórias intituladas *Les Sales Blagues de l'Écho* publicadas na *L'Écho des Savanes*) tem neste álbum a oportunidade de o conhecer na sua associação explosiva com Churon nos textos (não menos polémico

do que o primeiro). Resultado: uma série de pequenas histórias sobre o sexo e os seus problemas tratadas num ambiente de humor negro com desenhos não aconselháveis a pessoas mais impressionáveis.

Forte, muito forte, mas vale a pena pelo resultado global. [MD]

Clap! Clap! Clap!

Blood of Palomar

Gilbert Hernandez

Fantagraphics, 128 págs, P/B, 1990$00

Gilbert Hernandez é um contador de histórias. Está para a BD com Gabriel Garcia Marquez está para a literatura, e não é exagero dizer isto. Com uns desenhos menos "bonitinhos" que o seu irmão Xaime, Beto faz-nos concentrar nas palavras e na vida da pequena vila Palomar. As histórias são o mais simples possível, apenas a vida quotidiana desta feita com incidentes que fazem lembrar vagamente a série televisiva Twin Peaks.

Anda um assassino à solta na pacata vila de Palomar, mas no meio da vida de todos os dias da vila, isso acaba por parecer pouco importante. Este não é um conto policial. É provavelmente a vida real das comunidades mexicanas. Imperativo ler, e se possível, reler. [JRF]

Clap! Clap! Clap!

Shade, the Changing Man #22

Pete Milligan e Brendan McCarthy

DC, 36 págs, Cor, $1.75 US

Este número de *Shade* é uma das BDs mais estimulantes a nível visual dos últimos tempos. O britânico Brendan McCarthy, responsável pelas capas dos primeiros nºs desta revista, contamina agora o seu interior com as suas ilustrações psicadélicas, muito influenciadas por Steve Ditko (criador de Shade). McCarthy é possuidor de uma imaginação visual inigualável, embora baseada em tiques dos desenhadores dos anos 60. Em termos de argumento, este número constitui uma viragem, já que os Estados Unidos deixam de ser o foco de análise para Milligan, para passar a explorar a mente de Rak Shade. E o que vemos não é muito bonito. Shade é uma personagem apaixonante, talvez a mais bem construída da BD norte-americana recente. Nos próximos números, Shade lutará para manter a sua sanidade mental. Entretanto, nós, leitores, continuaremos maravilhados pela complexidade da mente de uma personagem mais real do que muita gente de carne e osso. [NC]

Buh!

The Muse

Ho Che Anderson

Eros Comix, 24 págs, P&B, 2.95 U.S.$

Ho Che Anderson, um novo desenhador do calibre de um Simon Bisley ou Kyle Baker, editou a sua segunda obra pela Eros, *The Muse* (a primeira havia sido *I Want to be Your Dog*). *The Muse* não é propriamente uma BD - assemelha-se mais a um livro de esboços com algum texto adicional. Visto que a maioria das ilustrações são muito pobres e os textos demasiado desconexos, *The Muse* é um absoluto desperdício de dinheiro. Este amontoado de pretenciosismos não devia ter visto a luz do dia. [NC]

Buh!

Spawn #1

Todd McFarlane

Image, 32 págs, cor, $1.95 US

A Image é uma nova editora independente norte-americana subsidiária da Malibu Comics. Até aqui, nada de novo. Mas este aparente insecto ultrapassou em poucos meses a segunda editora com maior quota de mercado dos Estados Unidos, a DC, aproximando-se perigosamente da Marvel. Qual o segredo do seu sucesso? A Image ofereceu aos mais populares, ambiciosos e talentosos autores da Marvel da nova geração (uma espécie de "yuppies" dos comics) a possibilidade de criarem as suas próprias personagens, com uma importante percentagem dos lucros das vendas das suas revistas. O mais bem pago artista da Marvel, Todd McFarlane, editou recentemente a sua primeira criação para a Image, *Spawn*. Claro que a criatividade e a imaginação contam pouco nas revistas da Image, sendo o mais importante, como o nome indica, as imagens. Mas é inegável que as imagens de Spawn são bastante atraentes, para o qual contribuem as cores de Steve Oliff. Uma história de dólares, no fundo, e não de BD. [NC]

Dave McKean

Clap! Clap! Clap!

Cages #5

Dave McKean

Tundra, 48 págs, P/B, $3.95 US

Em cada novo número de *Cages*, Dave McKean volta a surpreender. Desta vez, McKean explora os mecanismos da memória e do tempo psicológico de uma forma surpreendente e nunca vista na BD. A maior parte da acção deste número desenrola-se num bar, sendo a descrição da primeira conversa entre um pintor (a personagem principal) e a sua modelo feita quase sem palavras. McKean tenta transmitir-nos as sensações das duas personagens durante a conversa e não a conversa em si. Dave McKean cria uma tal intimidade entre as suas personagens e os leitores que até nos faz sentir "voyeurs" por saber tantos pormenores íntimos dessas criações literárias. [NC]

Clap! Clap!

Skreemer
Peter Milligan, Brett Ewins e Steve Dillon
Abril Jovem, 168 págs, Cor, 750$00

Skreemer é uma curiosa história sobre a violência, o crime organizado como forma de poder e a corrupção moral. A acção desenrola-se num futuro próximo de profunda miséria, em que o crime se torna a saída fácil e lógica. O argumento de Pete Milligan é sobretudo interessante por colocar as personagens em sucessivos conflitos éticos e morais. O jogo de flash-backs está bem conseguido e a utilização da violência é original e chocante (por exemplo, as marcantes primeira e nona páginas). No entanto, Milligan ainda se encontra longe da boa forma e controle absoluto dos métodos narrativos evidenciados em *Shade, the Changing Man*. Por outro lado, os desenhos de Ewins e Dillon são talvez demasiado banais (embora competentes) para corresponder condignamente à sofisticação narrativa do argumentista. [NC]

Frank Madsen

Clap! Clap!

Nordic Comics Revue #1
Abril 1992, A4, 16 págs, 270$00

Resultado do esforço de quatro revistas de BD dos países nórdicos, a *Seriejournalen* da Dinamarca, *Bild & Bulba* da Suécia, *NTF/Bobbla/Tegn* da Noruega e *Sarjainfo* da Finlândia, esta é uma pequena publicação com grandes qualidades. Começa por nos abrir os horizontes, já que em Portugal a grande fatia da BD vai para o estilo Franco/Belga e agora para alguns comics "made in USA". De BD nórdica, pouco sabemos. É todo um universo, uma maneira de pensar e um modo de desenhar que vale a pena descobrir. Depois há o excelente exemplo do associativismo, que por estes lados teima em não funcionar, ou a funcionar muito mal, pelas mais variadas razões.

Quanto ao conteúdo, é bastante interessante, começa por uma entrevista a Sussi Bech, uma autora de sucesso dinamarquesa com trabalhos traduzidos para francês, holandês, sueco e indonésio(?!). De seguida, um artigo sobre Mikael Oskarsson que actualmente trabalha para a Malibu Graphics dos EUA. Para finalizar, Tore Knutsen com a sua personagem Pia Zawa, tudo entremeado com notícias várias e publicidade, com uma apresentação sóbria e de agradável leitura. O idioma usado é o inglês, e é indicativo das ambições dos editores: dar a conhecer a BD nórdica ao mundo. Frank Madsen, está no mínimo de parabéns.

O número 2 já saiu, está pelo menos tão bom como o primeiro, tem 20 páginas e o grande senão do preço - 325$00. Demasiado caro para os nossos débeis bolsos. [JRF]

Matt Feazell

Clap! Clap!

The Death of Antisocial-man
Matt Feazell
Not Available Comics, P/B, 50c US

Que minúsculos são os comics do Matt Freazell, que simplicidade e que argumento notavelmente simples! O facto de serem minúsculos não é uma qualidade, pelo contrário, o "minúsculos" quer dizer 11x14cm, ou seja, mesmo pequenos. Os desenhos são originais de tão simples, o Antisocialman tem uma meia dúzia de traços, assim como o Cynicalman e todos os outros, uma maravilha, em total antítese com a moda local do momento, ou seja: a extravagância gráfica. A história é igualmente simples e urbana, e desenvolve-se em capítulos que correspondem a um comic de oito páginas cada. O oitavo capítulo saiu em Março deste ano. No conjunto, uma curiosidade interessante, pela qual a Eclipse Comics já se interessou. [JRF]

Clap!

Propaganda War
Clark Dissmeyer

Dizer que *Propaganda War* é underground, é um pleonasmo. É a típica publicaçãozinha contra tudo o que está mal segundo o seu autor - neste caso Clark Dissmeyer. Os desenhos, não são da minha preferência, e as fotocópias também não. O tamanho é minúsculo, estilo Not Available Comics de Matt Feazell, fruto talvez, da colaboração entre os dois em tempos (há dez anos para ser mais exacto) numa coisa chamada *Fightin' Guys*. Valem as críticas à mega hipocrisia americana (entre outras). *Propaganda War* acabou com o número 12, por isso só nos resta esperar por novos projectos do Clark. [JRF]

Clap! Clap!

Hips! #2
Novembro 91, 36 págs, A4, P/B, 250$00
R. Amadeu de Souza Cardoso, 5, 1º A - 2800 Almada

Aqui está algo francamente recomendável. O *Hips!*, acaba por ser talvez o único fanzine que vive exclusivamente, ou quase, da produção dos seus editores, Carlos e Fernando Martins, Jorge Mateus e Nuno Saraiva, todos eles com provas mais ou menos dadas no micro-mundo bedéfilo nacional. Cultivadores de um estilo muito parecido, dão uma coerência à publicação por vezes difícil de encontrar até em revistas. Além da BD, outros temas são abordados, como por exemplo música ou a prosa. Chaland tem direito a uma homenagem. Na lista das colaborações, flutuam nomes como João Paulo Cotrim e Renato Abreu entre outros, temos portanto uma espécie de *LX Comics* dos pobres. Outro pormenor que se repara, é que a CM do Seixal apoiou a iniciativa, e isso explica em parte a boa impressão e a tiragem (consta que foi de 1000 exemplares) que nada têm a haver com o resto dos fanzines portugas. Ameaço tornar-me repetitivo: francamente recomendável. [JRF]

Denmark
Sweden
Norway
Finland
Poland
Discover the richness of northeuropean comics - read
Nordic Comics Revue
The international magazine on nordic comics - written in english!

4 issues (one year) 1.000 Esc.
Address: NCR c/o Gimle, Husumgade 2, 1.th., DK 2200 N.

MULTI BANCO
JACKPOT! JACKPOT!

Entrevista exclusiva

"O design só me diz alguma coisa se é o toque final numa obra criativamente forte. Sempre detestei o design pelo design."

Dave McKean

Entrevista de Nuno A. N. Correia

epitáfio - Muitos artistas britânicos de BD consideram ter sucesso nos Estados Unidos como sendo a sua maior ambição. Tu também tens um sucesso considerável na Europa, em parte devido às edições francesas das tuas obras. Como vês o mercado europeu de BD? Já consideraste a hipótese de publicar trabalhos numa editora francesa, por exemplo, em vez de a publicares nos Estados Unidos?

Dave McKean - Bom, é óbvio que, para mim, o sucesso nos Estados Unidos não tem tanta importância assim. A minha maior ambição é, simplesmente, fazer uma BD com a qual eu estivesse perfeitamente satisfeito. Sim, eu aceitaria um contrato com uma editora francesa se fosse satisfatório, mas de momento a maior parte das BDs que eu estou a fazer para a Tundra ou DC (E.U.A.) ou Victor Gollancz (Inglaterra) estão agendadas para publicação na maior parte dos países europeus, bem como outros países de língua inglesa e países sul-americanos. O mercado europeu está muito fragmentado de momento. A França parece estar a sofrer um colapso no mercado, assim como uma "overdose" de importações dos Estados Unidos. Itália, Espanha, Bélgica e Alemanha parecem estar a construir um mercado, e são, de momento, muito mais interessantes a nível creativo.

epitáfio - Quais foram as BDs que te deram maior satisfação pessoal? Será que foram as extremamente populares e criticamente aclamadas *Black Orchid* e *Arkham Asylum*, ou BDs mais pessoais, como *Cages* e *Violent Cases*?

Dave McKean - Todas as BDs em que eu trabalhei foram divertidas de fazer. Mas, tal como a diferença entre fazer uma capa para um livro e uma pintura, alguns são "trabalho" e outros são expressão pessoal. *Cages* e as minhas histórias curtas são os mais gratificantes. Também gosto bastante de *Signal To Noise* e *Violent Cases*. *Black Orchid* e *Arkham Asylum* foram "trabalhos". Isto não quer dizer que eu não tento colocar ideias pessoais e profissionalismo nessas BDs, elas apenas não me dão tanta satisfação.

epitáfio - Nas tuas entrevistas, fazem-te sempre perguntas sobre influências. Penso que os teus argumentos, em particular em *Cages*, têm um toque muito europeu (continental). No entanto, o artista europeu que mencionas mais é Mattotti, alguém não muito apreciado pelos seus argumentos. O que é que te influenciou mais a nível de argumento (não necessariamente dentro da BD - também em termos de cinema e literatura)?

Dave McKean - Eu sempre adorei a forma como Mattotti conta histórias, porque não é nem cinematográfico nem literário. Ele lida unicamente com imagens estáticas pintadas ou desenhadas que consistem em grande parte em "sinais" (representações de emoções, estados de espírito, etc). Mesmo as suas personagens representam uma sensação e não uma verdadeira personagem em termos literários.

Embora em *Cages* esteja a lidar com uma forma de contar histórias cinematográfica, não acho que seja a forma mais correcta de o fazer.

Em termos de argumento, as minhas maiores e mais óbvias influências são Woody Allen, Alan Bennett (dramaturgo inglês), Franz Kafka, Jonathon Carrol, Julian Barnes e mais um monte de realizadores (Tarkowsky, Fellini, Wenders, Herzog, Besson, etc).

epitáfio - O design desempenha um papel importantíssimo no teu trabalho. É óbvio que as tuas capas têm um forte elemento de design, mas estou-me a referir específicamente ao teu design de página e à sensação de ordem que se obtém das tuas BDs. De alguma forma, os teus trabalhos são mais elegantes que os de, digamos, Jon J. Muth ou Kent Williams. Estudaste design na universidade? Porque é que decidiste dar a *Cages* um aspecto mais crú (mais ainda que os teus *Hellblazer*)?

Dave McKean - Sim, eu estudei design mas não gostava das aulas. O design só me diz alguma coisa se é o toque final numa obra criativamente forte. Sempre detestei o design pelo design.

Para ser sincero, é a "elegância" dos meus primeiros trabalhos que eu não gosto de momento. Sempre tentei dar às minhas BDs um aspecto mais rude e crú do que John Bolton, por exemplo, porque eu gostava de energia, mas fiquei mesmo cheio dessas BDs "pintadas". A nova BD de Kent Williams *Tell Me, Dark* é muito mais crúa e simples do que o seu trabalho anterior e tem, por isso, muito melhor aspecto. Não acho que *Cages* pareça rude; por baixo de toda a pintura elegante e técnica, são estes desenhos que lá estão a contar a história. Eu só os queria deixar à solta nesta BD e não assassina-los com pintura excessivamente complicada.

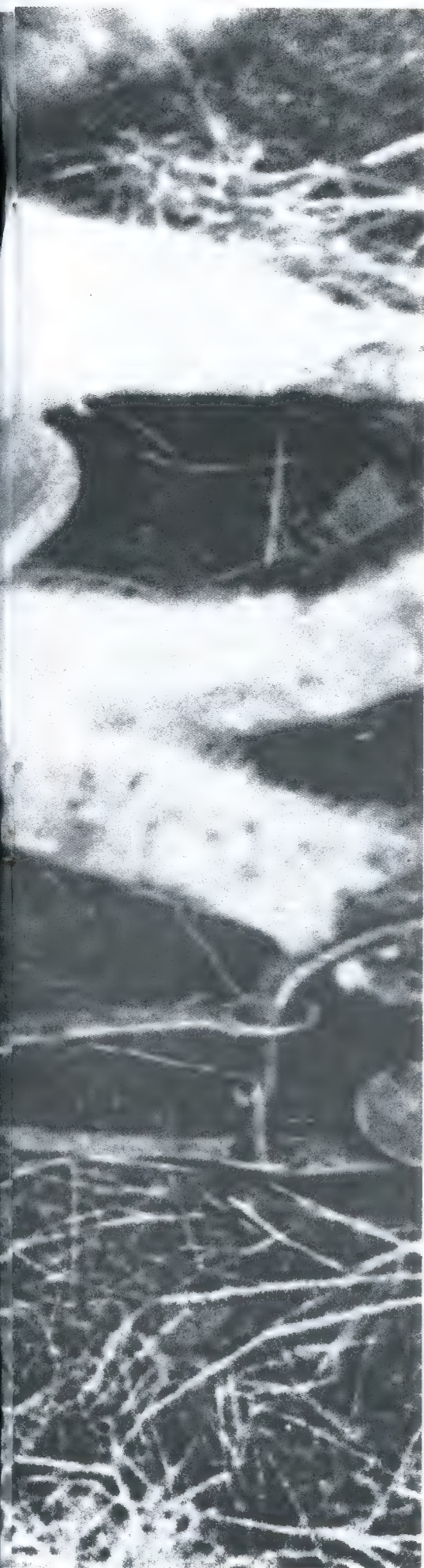
epitáfio - Uma nova geração de artistas de BD está agora a aparecer, apontando-te como uma das suas maiores influências. Como te sentes quanto a isso? Esperavas ter este impacto na BD quando surgiste em 87?

Dave McKean - Em 87 não era difícil ter um impacto na BD. Para ser honesto, qualquer um que soubesse desenhar, pintar e contar uma história teria causado impacto. Sim, é agradável ser uma influência, mas só porque significa que o meu material começa a ser visto e compreendido. É óbvio que eu não gosto de ser copiado, mas toda a gente tem de começar por algum lado. Eu comecei pelo Sienkiewicz.

epitáfio - Uma série de coisas estão a mudar na cena norte americana da BD, com novas, mais adultas editoras como Tundra, Mad Love e Piranha Press. Será que elas são o futuro dos comics? Em que direcção achas que as coisas estão a caminhar?

Dave McKean - A Tundra está a publicar algum lixo juntamente com bom material. A Piranha Press está praticamente morta, e a Mad Love está morta, se excluirmos o logotipo (foi comprada pela Tundra). Não é um grande futuro. A grande esperança à parte da Tundra, são na minha opinião as editoras livreiras que estão a apoiar a BD, principalmente Gollancz, Penguin, Simon & Schuster, Dell, etc.

epitáfio - Porque é que escolheste a BD como a forma de te expressares na arte? Porque não música (Jazz), literatura ou cinema? Serão *Signal To Noise* e *Cages* uma forma de exorcisar esses hipotéticos Dave McKeans?

Dave McKean - Eu adoro criar imagens e adoro contar histórias. Isso é banda desenhada. Também conta a favor o facto de eu o poder fazer por mim próprio sem compromissos nem concessões. Contudo, comecei a fazer muitas outras coisas também. Tenho uma companhia teatral (The Unauthorised Sex Company). Também faço capas para livros e discos, exponho pinturas, estou a planear uma curta metragem e estou a gravar um álbum. Tudo isto, incluindo BD, é basicamente a mesma coisa. São representações das minhas ideias e visões, e são basicamente o mesmo porque nelas está imposta a minha estética pessoal.

As balas não são usadas para matar animais armadilhados porque poderiam danificar a pele. Os dois métodos mais comuns de tirar a vida a um animal caço pela pele, são bater repetidamente na cabeça, ou uma prática chamada "sufocação", que consiste em o caçador se manter de pé em cima dos orgãos vitais do ani mal até que a vida abandone lentamente o seu corpo...

Lynx

Pondo as Peles Fora de Moda

por José Rui Fernandes

Muitos dos mais bonitos animais do mundo, estão a ser sistemáticamente armadilhados e caçados pela sua pele. Dentro de poucos anos, podem até deixar de existir em liberdade, a menos que lhes seja concedido o estatuto de "animal em vias de extinção", e sejam assim minimamente protegidos. O comércio de peles para adorno, tem sido o responsável pelo declínio de muitas espécies animais nos dois últimos séculos e quase levou à extinção do castor, no século XIX, que foi salvo devido a uma mudança na moda (!?) da época. Nos tempos actuais, os grandes felinos como o leopardo, o tigre e o jaguar estão em riscos de serem extintos, e apelos internacionais são feitos para ser controlado o comércio das suas peles. Apesar de tudo, alguns desses animais continuam ainda vivos em liberdade.

A parte principal da pele do leopardo da neve, tornou-o popular no negócio, e agora talvez só restem 500 desses animais nas regiões montanhosas da Ásia Central e Himalaias. À medida que as espécies de grandes felinos se tornam escassas ou são protegidas, a atenção dos negociantes volta-se para os pequenos felinos como o ocelote e o lince. Essas e outras espécies são agora caçadas em grande número. Em 1982, não menos de 28000 linces foram mortos pela sua pele, e isto apenas no Canadá. Apenas para dar outro exemplo alarmante, em 1984, a Alemanha importou 16890 peles de leopardo da China. As populações de animais selvagens não podem suportar semelhantes perdas.

Lobos e muitas outras espécies de raposas tornaram-se escassos em consequência da matança em larga escala. Apenas meia-dúzia de lobos restam em Portugal e Espanha, e na Escandinávia, continuam a ser caços pelos agricultores. O coiote americano, é apanhado rotineiramente pela sua pele: uma pele de coiote completa pode ser vendida em Londres por entre 4500 e 7000 libras (cerca de 1125 a 1750 contos).

Até mesmo na Grã-Bretanha, país "super civilizado" (antiséptico é a palavra), a raposa vermelha é armadilhada pela sua pele - e no entanto as armadilhas são ilegais por lá. Estima-se em 100000 o número de raposas vermelhas apanhadas ilegalmente na Grã-Bretanha e Irlanda cada ano, para servir o comércio de peles. É uma história trágica de contínuo declínio e desaparecimento de alguns dos mais magníficos animais do mundo.

Apanhar animais pela sua pele, também exige uma grande dose de crueldade. As armadilhas de ferro são ainda usadas em grande número (em incrivelmente grande número) nos EUA (tinha que ser), ex. URSS e Canadá. Uma vez que as poderosas mandíbulas da armadilha se fecham nas patas da sua vítima, o animal pode ser deixado em agonia vários dias até que o caçador as vá inspecionar. Na América do Norte, a maior parte das peles de animais selvagens são conseguidas usando armadilhas, apesar de serem unanimemente

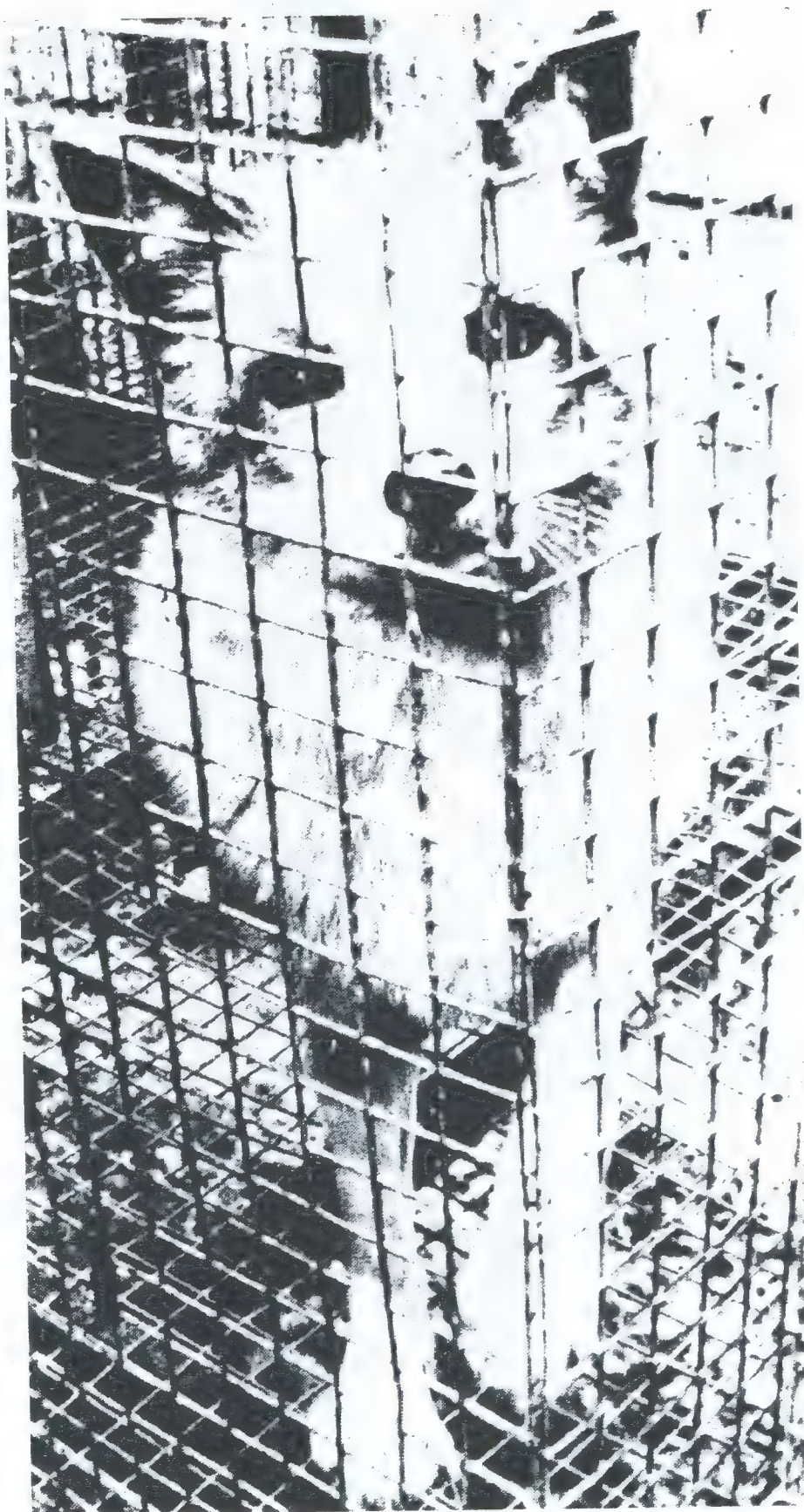
condenadas por cientistas e neurologistas como "primitivas, incivilizadas e causando o máximo de dor". Alguma ideia da agonia do animal armadilhado pode ser dada pelo facto de algumas vezes, no desespero e na dor de se ver livre, o animal ampute a própria pata.

As armadilhas, alarmam também os peritos da vida selvagem, porque são colocadas tão à balda, que apanham toda a espécie de animais e aves indiscriminadamente. Resultado: milhões de outros pássaros e animais - incluindo águias, cisnes e até animais domésticos - são caços todos os anos e abandonados pelos caçadores como "lixo". Num estudo piloto conduzido na América por exemplo, foi descoberto que num plano de armadilhas para coiotes se caçava dez vezes mais outros animais e aves do que o coiote. Águias douradas e ovelhas foram encontradas entre as vítimas. Este é, claramente, um preço que o mundo natural não pode pagar, se queremos que os nossos animais e pássaros sobrevivam.

Assim que os animais selvagens foram desaparecendo, uma nova indústria fez a sua aparição para assegurar o fornecimento - principalmente de marta e raposa do ártico - ao comércio de peles: as quintas-fábrica onde por ano são criados mais de 40 milhões de animais em condições inacreditáveis, para no fim lhes arrancarem a pele. A Escandinávia e a América do Norte são os líderes da produção, enquanto a ex. União Soviética é também um grande fornecedor de peles de raposa e de zibelina.

As quintas-fábrica, consomem uma grande quantidade de proteínas. Metade de todo o arenque finlandês vai para alimentar esses animais condenados. Podemos também dizer que há animais que no seu estado selvagem têm territórios que podem ir até 15000 acres, e no cativeiro vivem em jaulas de 106 x 114 x 71cm (segundo a Associação dos Criadores Finlandeses).

A imagem encantadora do comércio de peles para adorno, trata-se no entanto da realidade desagradável dos animais que sofrem, que nós, numa sociedade civilizada, não deviamos permitir.

As peles são bonitas, mas nos seus verdadeiros donos, os animais, no seu habitat natural!

Testemunha de Um Assassinato

O fotógrafo da vida selvagem Daniel Kelly do refúgio natural Turnball National Wildlife no estado de Washington, conseguiu ver e foto-grafar a morte de um coiote. Este é o relato de como um caçador apanha e mata a sua presa.

O caçador aproxi-mou-se, na mão trazia um bastão de cerca de um metro. O coiote tentou desesperada e freneticamente lutar contra a armadilha, puxando pela perna presa. O animal rosnou ao pau e enquanto o caçador o balançava à sua frente. Depois, o coiote tornou-se estranhamente calmo, até ficar imóvel, os seus olhos seguiam calmamente o bastão. Súbitamente, o pau esmaga o nariz do coiote e a força da pancada atira-o ao chão. Mas o golpe não foi dado com precisão. Instantaneamente, ficou num estado de semi inconsciência, a sangrar do nariz e com os olhos revirados. O caçador, com movimentos treinados, agarrou-o pelas patas, esticando completamente o animal e colocou a sua bota firmemente no pescoço.

O outro pé ia dando sucessivos pontapés no peito do coiote para obrigar o ar que restava a sair. Ao soltar as patas, o caçador pôs-se de pé com um dos pés no pescoço do coiote e outro no peito. Manteve esta posição por 14 minutos. Ele próprio disse que isto era necessário para se certificar que o animal estava mesmo morto. "Uma vez apanhei um que se levantou e me conseguiu ferrar". Enquanto focava a câmara, pensava no ridículo da situação, de um homem de 90 quilos em cima de um coiote de 8, como se a sua própria existência dependesse da eliminação do animal. Se ao coiote fosse dada uma oportunidade, ele nunca se tentaria vingar, apenas tentaria escapar.

Todos os anos mais de 300.000 coiotes se juntam aos mais de 20 milhões armadilhados e mortos pela sua pele.

A Campanha LYNX Estratégia, Finalidades e Objectivos

A Lynx começou a sua existência em 1985. É a única organização na Grã-Bretanha

e Estados Unidos, devotada somente para a protecção dos animais fornecedores de pele para adorno - tanto em liberdade como em cativeiro - e construiu já uma invejável reputação internacional, pelo seu trabalho pacífico na defesa dos animais.

O objectivo final, é criar um novo clima de opinião que assegure que usar pele para adorno, não seja aceitável. Deste modo, será atacada a indústria em pleno coração, privando-os dos seus clientes e reduzindo dramaticamente o número de animais mortos pela sua pele. Isto está a ser conseguido por uma campanha espectacular e inovadora, que mostra a realidade desagradável por detrás da imagem de encanto e sedução da indústria de pele. Na verdade, a Lynx é responsável por uma das mais controversas e debatidas campanhas na luta da defesa da natureza.

A batalha também se desenvolve no parlamento da Grã-Bretanha, para a introdução de leis actuais na defesa dos animais. Por exemplo, as armadilhas de aço em forma de mandíbula foi banida do Reino Unido há mais de trinta anos, no entanto, continuam a ser hipócritamente importadas peles de países que ainda usam este cruel dispositivo. Estão também a trabalhar junto com outros grupos, na introdução de legislação que permita fechar todas as fábricas-quinta existentes no país, e estender essas leis à comunidade europeia o mais rápido possível.

Como pode ajudar...

A indústria de pele é uma estrutura muito poderosa, relativamente à qual os recursos limitados da Lynx são usados até ao limite. E isto apesar, da imagem e pontos fracos da indústria já terem sido atingidos pelas campanhas. Se queremos acabar com este abuso cruel e desnecessário, temos que manter e aumentar a pressão - no tempo que demorou a ler este artigo, mais de mil animais inocentes foram mortos das mais bárbaras maneiras para alimentar a indústria dos adornos de pele. Torne-se membro da Lynx, associe-se à campanha - os animais não podem esperar.

Lynx
P.O. Box 300, Nottingham NG15HN
United Kingdom

Agonia Sampaio

Os Extraterrestres
parte II

FICA AÍ QUIETINHO, EH, EH...
PAM
PAM
C'OS DIACHOS!... MAS QUE RAIO SERÁ AQUILO?!...
NÃO!

QUE ME QUERERIAM ELES?! MAL GRITEI DEIXARAM-ME... ESTRANHO! NÃO ME FIZERAM NADA E EU COM RECEIO DE QUE ME FIZESSEM ALGUM MAL!...

Ó MINHA QUERIDA SE FOSSES VIVA E TE CONTASSE ISTO DIRIAS QUE ESTOU A FICAR LOUCO COM A IDADE...

FOSTE-TE EMBORA TÃO JOVEM!... E EU JÁ ESTOU TÃO VELHO! AHAH, QUE ATÉ TENHO VISÕES DE CRIATURAS DE OUTRO MUNDO. O MAIS ENGRAÇADO É QUE NUNCA ME DEU PARA IMAGINAR DESSAS COISAS!...

JEREMIAS!
JOANA?!...

JEREMIAS, SOU EU! OUTRORA A TUA ESPOSA. NÃO, NÃO ME TOQUES, SÓ ME PODES VER, SOU APENAS UMA IMAGEM AOS TEUS OLHOS HUMANOS...

NÃO, MEU QUERIDO, NÃO ESTÁS A FICAR LOUCO ...O QUE VISTE É UM SINAL, E EU FUI A ESCOLHIDA PARA TE COMUNICAR...

... QUE O TEU FIM ESTÁ PRÓXIMO, AQUI NA TERRA, PORQUE AINDA TERÁS MUITO QUE VER NO ALÉM, NO INFINITO... NÃO TENHAS MEDO, SÓ O TEU CORPO MORRERÁ MAS A TUA ALMA PERMANECERÁ VIVA. VAI, QUE O TEU TEMPO ACABA, MAS A TUA VERDADE SÓ AGORA COMEÇA.

fim?

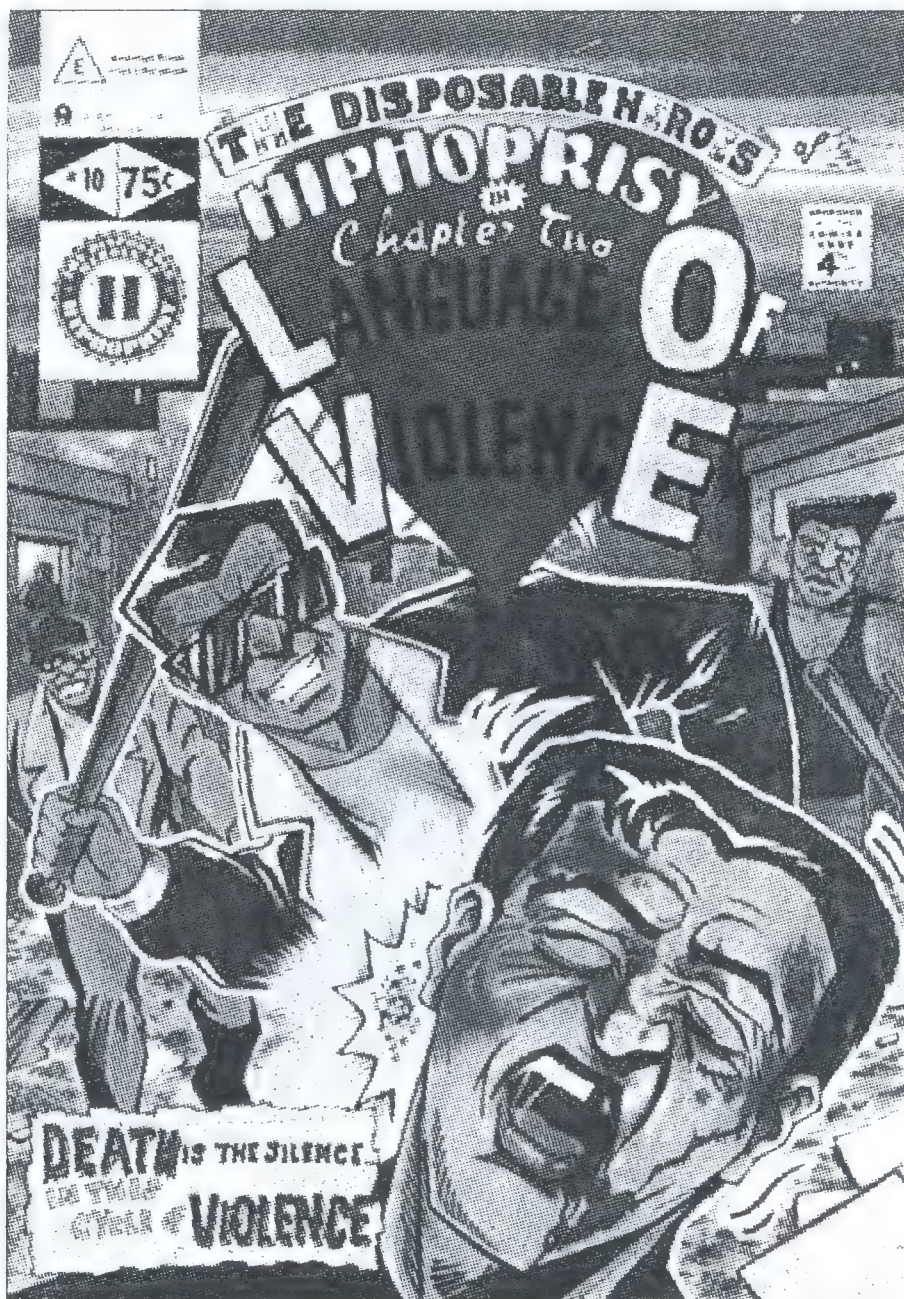
Hipocrisy Is the Greatest Luxury

Disposable Heroes of Hiphoprisy
1992, 4th & Broadway

Hipocrisy Is the Greatest Luxury é já apontado como um dos melhores álbuns de hip-hop de sempre, a par do primeiro álbum dos De La Soul e de *It Takes a Nation of Millions to Hold Us Back* dos Public Enemy. Para além disso, é o mais sério candidato, até agora, a álbum do ano.

Os D.H. of H. são compostos por um duo de ex-membros da banda Beatnigs, que gravou o seu único álbum em 88 pela Alternative Tentacles. Em quatro anos, abandonaram a sua antiga fórmula pop-funk-industrial em favor de uma abordagem mais massificada e, por isso mesmo, mais acessível - o hip-hop. Só que a sua perspectiva do hip-hop é inovadora e refrescante, quer através dos arranjos e programação de Mark Pistel, dos Consolidated (responsável por um dos mais interessantes álbuns hip-hop do ano passado), quer pelos samples bizarros de Rono Tse, quer (principalmente) pelos excelentes textos e vocalizações de Michael Franti. Os D.H. of H. formam assim, juntamente com os Consolidated e os MC 900 ft. Jesus um trio de projectos hip-hop pouco convencionais, tanto pela origem étnica como pelas inovadoras letras - o "story-telling" dos MC 900 ft. Jesus, a exposição de ideais de extrema-esquerda em relação a uma América em putrefacção dos Consolidated e a abordagem política, distanciada mas irónica dos D.H. of Hiphoprisy.

Os D.H. of H. chamam a atenção para um sem número de problemas que afectam a sociedade Americana actual, tais como o fundamentalismo (Satanic Reverses), a manipulação das massas através da televisão (Television - uma versão de um dos melhores temas dos Beatnigs), a violência da rua (Language of Violence), os riscos ambientais (Everyday Life Has Become a Health Risk), entre outros. A banda de Franti ainda foca o problema e os bastidoress economico-políticos da Guerra do Golfo (The Winter of the Long Hot Summer) e faz igualmente uma versão de um clássico dos Dead Kennedys - California Über Ales - presente também na compilação Virus 100 (convém não esquecer que Jello Biafra, ex-líder dos Dead Kennedys, é o presidente da Alternative Tentacles e um dos modelos políticos dos D.H. of H.). No álbum estão presentes dois temas bastante pessoais para Franti - Music and Politics e Socio-Genetic Experiment.

Como curiosidade, os Disposable Heroes of Hipoprisy são apaixonados por banda desenhada - para além da referência óbvia aos comics dos anos 60 patente no seu nome, o seu segundo single, Language of Violence, contém uma BD. [NC]

Uh-Ho

David Byrne
1992, Luaka Bop/Sire

David Byrne está de volta, após o etno-turismo de Rei Momo e o ultra-pretenciosismo de Forest (do qual já se anunciam remisturas). Desta vez, pretende simplificar o seu estilo, desintelectualizar as suas letras, mantendo uma pose de lunático extravagante. O resultado é *Uh-Ho*, uma simbiose bem conseguida da abordagem à música Sul Americana com um som mais "guitar band" típico dos Talking Heads. Agora que o fim dos Talking Heads foi oficializado, **David Byrne** parece já não ter medo de assumir a herança da banda e a absorver um pouco da sua sonoridade. Sonoridade essa que recusou durante toda a sua carreira a solo e que funcionava, no fundo, como uma válvula de descompressão de clichés e géneros, para além das óbvias encomendas para peças de teatro (Catherine Wheel, Knee Plays).

As músicas de *Uh-Ho* são, segundo insiste o próprio **Byrne**, pessoais, assentando as letras num arraial de temas tipicamente suburbanos, como por exemplo o vício em frequentar Centros Comerciais. Resta saber se esta tentativa de se passar por "Average Joe" ou "Zé da Esquina" não será mais uma forma de pretenciosismo por parte de **Byrne**... Musicalmente, o álbum reserva-nos algumas boas surpresas - o tema genuinamente pop Girls On My Mind, os arranjos de **Angel Fernandez** e de **Tom Zé** no tema Something Ain't Right (um dos melhores do álbum). Infelizmente, os temas da segunda metade do álbum (exceptuando Somebody) pecam por falta de personalidade, e a inclusão de metais soa em alguns casos um pouco forçada - parece seguir-se uma fórmula matemática. Mas de resto, *Uh-Ho* é um álbum sólido e alegre que vale a pena ouvir, especialmente para aqueles que aguardavam ansiosamente o nono álbum dos Talking Heads. [NC]

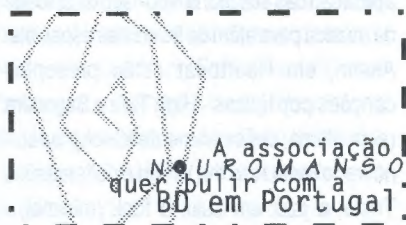
Heartbeat

Ryuichi Sakamoto
1992, Virgin Records

1992 será, sem dúvida, um ano memorável para **Ryuichi Sakamoto**. Para além de mais um álbum a solo, **Sakamoto** viu-se envolvido em inúmeros projectos - como actor, como compositor (bandas sonoras para filmes e participação na cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos) e até como produtor (último álbum dos Aztec Camera).

Heartbeat é um dos melhores álbuns da carreira do músico japonês. Neste álbum, consegue um equilíbrio perfeito entre os diversos géneros musicais patentes, gerindo habilmente os convidados provenientes das mais diversas áreas (**Deee-Lite**, **David Sylvian**, **Ingrid Chavez**, **Arto Lindsay**, **Bill Frisell**, **John Lurie**, **Youssou N'Dour**). A sua recente mudança para Nova Iorque parece ter facilitado a aplicação das sua teoria Neo-Geo da unidade da música para além de fronteiras espaciais. Assim, em Heartbeat estão presentes canções pop típicas - High Tide e Sayonara (esta última, deliciosamente kitsch); o rap - no fraco tema Rap the World e no fantástico Triste; o jazz em Lulu; o funk (minimal) - Cloud #9; o techno - Heartbeat, perfeitamente estragado pela vocalização de **Dee Dee Brave**; o canto tradicional japonês - o arrebatadoramente melancólico Nuages; a composição instrumental romântica e paisagística - Song Lines e Epilogue (mais impressionista que o habitual em **Sakamoto**); e a vanguarda/new age em Heartbeat (Tainai Kaiki II), onde nem falta a voz do falecido papa das vanguardas **John Cage**.

O recente concerto de **Sakamoto** em Sevilha provou que os temas do álbum são fortes e consistentes. Nesse concerto, as músicas foram completamente minadas e subvertidas, sobrevivendo, no entanto, a estrutura melódica e o impacto emotivo de cada uma delas. Não se poderá acusar **Sakamoto**, de não funcionar sem os seus preciosos convidados especiais, já que em palco uma bem oleada equipa de apoio sem estrelas (exceptuando o excepcional baterista **Manu Katche**) permite ao compositor voos improvisacionistas que surpreenderão aqueles que esperam uma simples reprodução do que se passou nas sessões de estúdio. [NC]

para catálogo completo, envie um selo para
Associação Neuromanso
apartado 122- senhora da hora - 4450 matosinhos
Portugal

CYNICALMAN meets EDIE HASKELL

In chapter 8 of ***The Death Of Antisocialman.*** Art by **Matt Feazell**, Story by **Walt Lockley**. Guest starring **Captain Videotape.**

On sale now in finer comics shops or direct from the publisher for 50¢ + stamp

Not Available Comics

Matt Feazell • 3867 Bristow • Detroit, MI 48212

Trades welcome!

bar galeria

a inércia já tem alternativa

RUA DE CEDOFEITA 516 PORTO

abc dep itá fio

Assine o epitáfio por 4 números por apenas 1000$00 e torne-se automaticamente sócio da Associação Neuromanso por 1 ano

☐ Por favor, comece a minha assinatura de 4 números do epitáfio (Portugal 1000$00 / Europe 1600$00 / outside Europe 2000$00)

nome

endereço

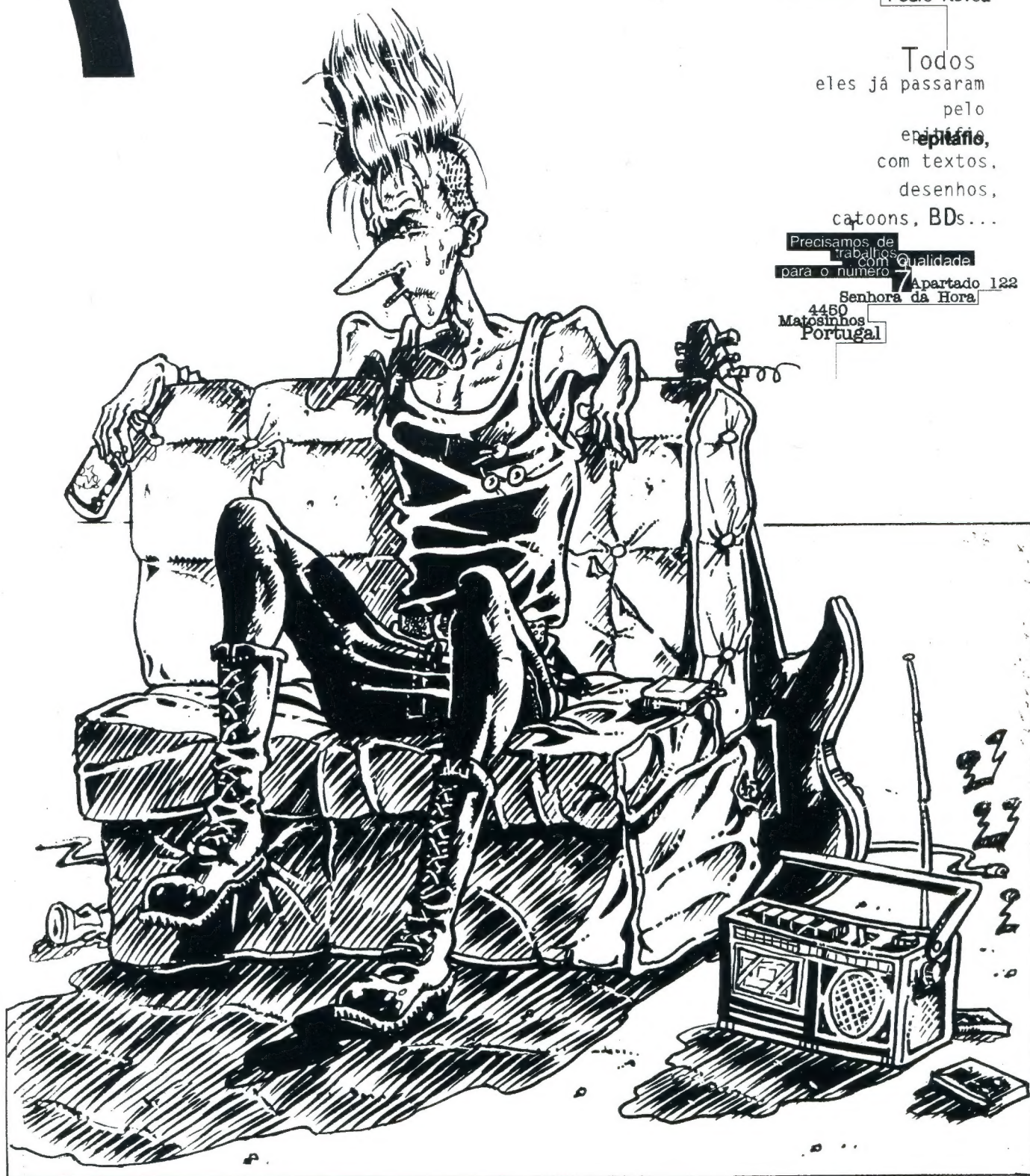
código postal

país **telefone**

forma de pagamento ☐cheque ☐vale postal

à ordem de Associação Neuromanso

apartado 122 - senhora da hora - 4450 matosinhos - portugal

epitáfio
7
brevemente
Manuel Cruz
Paulo Jorge
Toklo
Miguel Carvalhais
Agonia Sampaio
Pedro Marques
Sousa Dias
João Faria
Nunes Neto
Tiago
Pedro Castro
Jorge Mateus
Sofia Leal
Paulo Viana
Pedro Burgos
Rui Duarte
Pedro Cleto
Ricardo Cabrita
Lagartija Nick
José Carlos Fernandes
Marco Dias
Pedro Nóvoa
Todos eles já passaram pelo epitáfio, com textos, desenhos, catoons, BDs...
Precisamos de trabalhos com qualidade para o número 7
Apartado 122
Senhora da Hora
4460 Matosinhos
Portugal

Other Countries
(Postage Included)
Belgium Fr 100,00
Canada $3,70
France Fr 17,00
Deutschland Dm 5,50
Italia Lir 4000
España Pta 300
United Kingdom £1,60
USA $3,30